



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA  
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**GRAZIELLA RAMOS REIS LÔBO**

**DAS HASHTAGS À CONQUISTA DE PODER:**

Desvendando a complexa relação entre as redes sociais e o crescimento da direita  
no Brasil com enfoque no caso Movimento Brasil Livre (MBL)

**RECIFE**

**2025**

GRAZIELLA RAMOS REIS LÔBO

**DAS HASHTAGS À CONQUISTA DE PODER:**

Desvendando a complexa relação entre as redes sociais e o crescimento da direita no Brasil com enfoque no caso Movimento Brasil Livre (MBL)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco, Campus Recife, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Gustavo Gomes da Costa Santos

RECIFE

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lôbo, Graziella Ramos Reis.

Das hashtags à conquista de poder: Desvendando a complexa relação entre as redes sociais e o crescimento da direita no Brasil com enfoque no caso Movimento Brasil Livre (MBL) / Graziella Ramos Reis Lôbo. - Recife, 2025.  
89 p. : il., tab.

Orientador(a): Gustavo Gomes da Costa Santos

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ciências Sociais - Bacharelado, 2025.

Inclui referências.

1. Extrema direita. 2. Redes sociais. 3. Movimento Brasil Livre. 4. Mobilizações sociais. 5. Articulação política. 6. Marketing político digital. I. Santos, Gustavo Gomes da Costa. (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

GRAZIELLA RAMOS REIS LÔBO

**DAS HASHTAGS À CONQUISTA DE PODER:**

Desvendando a complexa relação entre as redes sociais e o crescimento da direita no Brasil com enfoque no caso Movimento Brasil Livre (MBL)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco, Campus Recife, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado em: 30/05/2025

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Gustavo Gomes da Costa Santos (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Dra. Majory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda (Examinadora Externo)  
Universidade Federal de Pernambuco



Dedico este trabalho à memória de Mainha, que, mesmo não estando mais aqui fisicamente, permanecerá viva em cada conquista da minha vida. Sua ausência é sentida todos os dias, contudo o seu amor, força e alegria segue sendo meu guia diário. Este trabalho é para senhora.

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio, orientação e o incentivo de muitas pessoas que estiveram ao meu lado ao longo da minha graduação.

Agradeço, primeiramente, a Deus, por estar comigo em cada momento. À minha família, pelo amor incondicional, pelas palavras de encorajamento e por sempre acreditarem em mim. À Mãe dedico este trabalho com todo o meu amor e saudade. Ao meu pai, agradeço por todo o cuidado, dedicação e bondade em todos os momentos. À minha irmã, obrigada pela amizade, pelos conselhos, incentivo e cada demonstração de apoio constante. Aos meus tios e primos, que sempre me acolheram com carinho e alegria, muito obrigada por tudo.

À minha igreja, expresse minha mais profunda gratidão. Foi nela que encontrei acolhimento, as orações, palavras de conforto e o ambiente de comunhão foram fundamentais em todo o processo. Saber que vocês torcem por mim me deu forças para continuar mesmo nos momentos mais difíceis.

As minhas amigas do tempo de escola, guardo com carinho cada memória compartilhada. Vocês foram as primeiras a sonhar comigo, a dividir dúvidas, conquistas e planos. As experiências vividas ao longo da escola foram importantes para que eu pudesse chegar até aqui. Obrigada por fazerem parte da minha história.

Aos amigos da UFPE, agradeço pela parceria, pela troca de ideias, risadas, pelo apoio mútuo e por todos os momentos que passamos juntos. Mesmo sendo o grupo mais apocalíptico de CS, a convivência com vocês foi parte fundamental para meu desenvolvimento pessoal e acadêmico, muito obrigada.

Ao meu orientador, Gustavo Gomes, registro a minha mais sincera gratidão. Sua compreensão e comprometimento foram essenciais nesse processo de construção do TCC, agradeço pelas contribuições e por acreditar na relevância deste trabalho.

Aos professores e professoras do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco, meu respeito e reconhecimento. Suas aulas, provocações teóricas e apoio foram cruciais para que eu expandisse minha visão crítica e compreendesse o mundo sob diferentes perspectivas.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, contribuíram para que este trabalho se tornasse realidade.

Muito obrigada!

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a relação entre as redes sociais e o crescimento da extrema direita no Brasil, com ênfase no caso do Movimento Brasil Livre (MBL). A pesquisa é norteada a partir da hipótese de que as mídias sociais exercem uma função central na articulação política da direita extremista, atuando como ferramentas de disseminação ideológica, mobilização e construção de novas formas de representação política. Utilizando uma abordagem qualitativa e quantitativa, fundamentada pela revisão bibliográfica e análise documental, analisou-se os aspectos sociais, políticos e tecnológicos que auxiliaram no desenvolvimento e ascensão do MBL, desde seu surgimento até o seu fortalecimento como instituição política notável em âmbito nacional. No decorrer do estudo são discutidas temáticas como: o avanço da extrema direita em nível mundial e no caso brasileiro, neoliberalismo, sociedade da informação, redes de comunicação, estratégias de marketing político e os impactos singulares da política nas mídias sociais. Logo, os resultados indicaram que o MBL soube explorar com sucesso os mecanismos das redes sociais, ao produzirem guerras de narrativas em um ambiente notoriamente polarizado, além de terem conseguido engajar e influenciar cidadão em um dos processos mais conturbados do nosso país, como o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Dessa forma, observou-se que a eclosão de coletivos como o MBL evidencia um distinto modelo de atuação política, no qual a utilização das mídias digitais de modo estratégico redefiniu os marcos entre mobilização social, representação institucional e disputa ideológica.

**Palavras-chave:** Extrema direita; Redes sociais; Movimento Brasil Livre; Mobilizações sociais; Articulação e marketing político digital.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo investigar la relación entre las redes sociales y el crecimiento de la extrema derecha en Brasil, con énfasis en el caso del Movimiento Brasil Libre (MBL). La investigación se guía por la hipótesis de que las redes sociales juegan un papel central en la articulación política de la derecha extremista, actuando como herramientas de difusión ideológica, movilización y construcción de nuevas formas de representación política. Utilizando un enfoque cualitativo y cuantitativo, basado en la revisión bibliográfica y el análisis documental, se analizaron los aspectos sociales, políticos y tecnológicos que coadyuvaron al desarrollo y auge de la MBL, desde su surgimiento hasta su fortalecimiento como institución política notable a nivel nacional. Durante el estudio se abordan temas como el ascenso de la extrema derecha a nivel mundial y en el caso brasileño, el neoliberalismo, la sociedad de la información, las redes de comunicación, las estrategias de marketing político y los impactos singulares de la política en las redes sociales. Por tanto, los resultados indicaron que el MBL explotó con éxito los mecanismos de las redes sociales, al producir guerras narrativas en un entorno notoriamente polarizado, además de haber logrado involucrar e influenciar a la ciudadanía en uno de los procesos más turbulentos de nuestro país, como lo fue el juicio político de la expresidenta Dilma Rousseff. Así, se observó que el surgimiento de colectivos como el MBL pone de relieve un modelo distinto de acción política, en el que el uso estratégico de los medios digitales redefinió los límites entre movilización social, representación institucional y disputa ideológica.

**Palabras clave:** Extrema derecha; Redes sociales; Movimiento Brasil Libre; Movilizaciones sociales; Articulación y marketing político digital.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Quadros

Quadro 1 –	Quantitativo de seguidores da tríade PL	47
Quadro 2 –	Lista de Mobilizações em apoio ao impeachment	55
Quadro 3 –	Quantitativo de Seguidores nas Redes Sociais	59
Quadro 4 –	Personalidade eleitas do MBL	65

### Figuras

Figura 1 –	Semelhança de conteúdo	48
Figura 2 -	Semelhança de conteúdo - Patriotas Americanos	48
Figura 3 -	Mobilizações em favor ao impeachment	56
Figura 4 –	Narrativas pautadas em um inimigo comum	56
Figura 5 -	Layout Academia MBL	61
Figura 6 –	Layout site MBL	62
Figura 7 –	Críticas a Bolsonaro	67
Figura 8 –	Protesto MBL contra a reabertura da exposição	71
Figura 9 –	Engajamento ao PL Anti-Oruam	72

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AFD	Alternativa para a Alemanha (Alemanha)
AIB	Ação Integralista Brasileira (Brasil)
AKP	Partido da Justiça e Desenvolvimento (Turquia)
ANL	Aliança Libertadora Nacional (Brasil)
BJP	Partido do Povo Indiano (Índia)
CANSEI	Movimento Cívico pelo Direito dos Brasileiros (Brasil)
CDU/CSU	Partido Conservadores da união (Alemanha)
CUT	Central Única dos Trabalhadores (Brasil)
DEM	Partido Democratas (Brasil)
EPL	Estudantes pela Liberdade (Brasil)
FIDESZ	Partido União Cívica Húngara (Hungria)
GOP	Partido Republicano (Estados Unidos)
IBAD	Instituto Brasileiro de Ação Democrática
IPES	Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais
LEC	Liga Eleitoral Católica (Brasil)
MDB	Partido Movimento Democrático Brasileiro (Brasil)
MEB	Movimento Endireita Brasil
MVPR	Movimento Vem para Rua
PCB	Partido Comunista Brasileiro (Brasil)
PL	Partido Libertário (Argentina)
PL	Partido Liberal (Brasil)
PRP	Partido de Representação Popular (Brasil)

PSC	Partido Social Cristão (Brasil)
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira (Brasil)
PSL	Partido Social Liberal (Brasil)
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade (Brasil)
PT	Partido dos Trabalhadores (Brasil)
ROL	Movimento Revoltados Online (Brasil)
TSE	Tribunal Superior Eleitoral

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 Motivação e Justificativa .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 Problemas e Objetivos .....</b>	<b>16</b>
<b>1.2 Divisão dos capítulos .....</b>	<b>17</b>
<b>1.3 Estratégia metodológica .....</b>	<b>19</b>
<b>2 A ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA GLOBAL E O CASO BRASILEIRO .....</b>	<b>21</b>
<b>2.1 Ascensão da extrema-direita global .....</b>	<b>23</b>
<b>2.2 Ascensão da extrema-direita brasileira contemporânea.....</b>	<b>27</b>
<b>3 O USO DAS REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA .....</b>	<b>34</b>
<b>3.1 Internet e Redes Sociais digitais .....</b>	<b>36</b>
<b>3.2 O uso das redes sociais como ferramenta de representação política .....</b>	<b>40</b>
<i>3.2.1 Estratégia Digital e Marketing Político .....</i>	<i>43</i>
<i>3.2.2 – Estratégias de Marketing da extrema direita conservadora brasileira .....</i>	<i>46</i>
<b>4 DAS MOBILIZAÇÕES NAS MÍDIAS SOCIAIS AO PODER: O CASO DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE .....</b>	<b>51</b>
<b>4.1 – Contextualização da emergência do movimento .....</b>	<b>51</b>
<b>4. 2 - Das ruas ao Congresso Nacional: a ascensão do Movimento Brasil Livre ...</b>	<b>54</b>
<b>4. 3 – A utilização das redes sociais como meio de manifestação política .....</b>	<b>58</b>
<b>4. 4 – Principais atuações do MBL pós mobilizações pelo impeachment .....</b>	<b>62</b>



<i>4.4.1 - Movimento Brasil Livre na política institucional .....</i>	<i>63</i>
<i>4.4.2 – Rompimento com o bolsonarismo e perda de popularidade .....</i>	<i>66</i>
<i>4.4.3 – Narrativas utilizadas pelo MBL que geraram polêmicas .....</i>	<i>69</i>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>80</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde o início da década de 2010, tem se observado um constante avanço da extrema direita no Brasil, com destaque para sua participação no meio digital (Rocha, 2019). Contudo esse fenômeno em ascensão não acontece só em nosso país, sendo contemporâneo ao crescimento das direitas em outras nações, sendo articulados e executados de diferentes modos, dependendo das circunstâncias que o local e o momento histórico possibilitam (Mudde, 2020). No Brasil, esse desenvolvimento é excepcionalmente complexo, uma vez que, carrega processos históricos, como a ditadura militar, o surgimento de uma direita tipicamente liberal, a eclosão de uma direita religiosa (Kaysel, 2015), constituindo a numerosa bancada evangélica, além da atual direita popular midiática. Tais grupos utilizam as o âmbito online como suporte em suas mobilizações, sendo habitual encontrarmos influenciadores dessas direitas nas redes sociais, especialmente dos atores políticos já eleitos, tornando-se “celebridades políticas”.

Devido aos novos cenários, é difícil analisar as relações políticas sem abordar a influência que os atos cometidos nas redes sociais exercem sobre ela, dado que, ferramentas midiáticas conseguem conectar facilmente pessoas de todos os lugares. A influência da internet em um mundo globalizado é notável (Castells, 1999), um exemplo dessa forte relação, foram os acontecimentos da Primavera Árabe, que após a série de manifestações na Tunísia em 2010, que se espalhou pelo norte da África e Oriente Médio, conseguindo construir um movimento revolucionário e emblemático, demonstrou a força e o progresso desta ligação (Gomes, 2018). A partir deste evento, o mundo pode conhecer um novo modo de fazer e articular política, uma vez que possibilitou a ampliação de conexões e a agilidade na entrega e viralização da mensagem passada. Através dessa dinâmica, nossa sociedade foi impactada profundamente, ultrapassando as fronteiras nacionais na distribuição de informações (Visentini, 2012), sendo a primeira grande participação e mobilização política online.

No Brasil, o grande ato que caracterizou tais mudanças, já citadas, no meio político, foram as Jornadas de Junho de 2013, sendo uma série de manifestações, ocorridas em diferentes capitais do Brasil (Avritzer, 2019). As mobilizações de 2013, também demonstraram a influência das mídias sociais, em especial na área política (Cardoso, 2020). A princípio, o movimento teve o intuito de protestar contra o aumento da tarifa do transporte urbano, contudo, logo as movimentações demonstraram outros objetivos. Durante o período das mobilizações surgiu um grupo de jovens inconformados com a situação do país, que

clamavam por mudanças emergentes, esses que em alguns meses, seria chamado de Movimento Brasil Livre (Solano, 2017), objeto do presente trabalho. O MBL é oriundo do conjunto de manifestações, em que, mesmo não existindo formalmente, os futuros membros do coletivo, já exerciam grande influência nos grupos de articulação dos atos (Rocha, 2019), além de outros grupos sobre declaradamente de direita, todos via Facebook, onde as mobilizações foram organizadas nacionalmente.

Dessa forma, o Movimento Brasil Livre é o caso ideal para analisarmos a relação entre a extrema direita atual e sua constante conexão com as redes sociais a partir de discursos repetitivos. Levando em conta o que foi exposto, o presente trabalho de conclusão buscará entender a matriz da nova direita brasileira que tramita conjuntamente com as redes sociais, utilizando o caso do MBL, para assim identificar as características e os processos que levaram ao surgimento, popularização e continuidade de tal coletivo. O trabalho investiga a relação existente entre a expansão das novas direitas brasileira e as redes sociais, compreendendo desta maneira, como o Movimento Brasil Livre se organiza e mobiliza em diferentes conjunturas, utilizando fielmente as mídias sociais como sua principal ferramenta e meio de articulação.

### **1.1 Motivação e Justificativa**

Dentre alguns fatores, minha maior motivação para escolha do tema abordado neste projeto é fruto de uma vivência pessoal e acadêmica em conjunto com o interesse em estudar sobre o surgimento e a consolidação do Movimento Brasil Livre. Durante a minha adolescência, no ápice do uso do Facebook como principal plataforma de comunicação e interação virtual, o MBL conseguiu se destacar como um dos movimentos políticos mais influentes das redes, influenciando diretamente no imaginário político de muitos dos meus colegas e conhecidos. Após observar o crescimento do coletivo, me vi tentando compreender como conteúdos apelativos e memes poderiam viralizar nas redes sociais e exercer grande influência sobre os usuários, moldando assim as percepções políticas e o estímulo à construção de identidades coletivas.

Essa inquietação se aprofundou ainda mais durante a graduação e principalmente na minha experiência de estágio na Assembleia Legislativa de Pernambuco (ALEPE), onde percebi como muitos parlamentares, mesmo que não ligados formalmente ao MBL, reproduzem discursos e estratégias comunicacionais semelhantes às adotadas pelo coletivo. Isso me levou a refletir sobre o quanto o MBL não foi apenas um mero fenômeno digital, mas um agente

que contribuiu para uma transformação mais ampla da cultura política, principalmente no campo das direitas brasileira. Sendo assim, o motivo para escolha do tema do meu Trabalho de Conclusão de curso foi além do interesse acadêmico, uma vez que, investiguei um processo que venho testemunhando a alguns anos.

Estudar o MBL é de extrema importância para compreender como novas formas de engajamento político e organização social emergem no ambiente digital, que contribuíram para o processo de reconfiguração das fronteiras ideológicas brasileira a partir das redes sociais. Ao investigar a operação das mídias sociais como espaços de construção de identidades políticas, fica notável que movimentos como o MBL articulam símbolos, narrativas e estratégias discursivas para legitimar suas visões de mundo. Ademais, a pesquisa se justifica pela importância de compreender os mecanismos simbólicos e comunicacionais que sustentam projetos políticos em ascensão, especialmente em tempos de polarização e fragmentação do debate público.

A partir dessa motivação e justificativa o trabalho busca investigar a relação existente entre a expansão das novas direitas brasileira e sua forte ligação com as redes sociais, compreendendo desta maneira, como o Movimento Brasil Livre se organiza e mobiliza em diferentes conjunturas, utilizando fielmente as mídias sociais como sua principal ferramenta e meio de articulação e engajamento político.

## **1.2 Problema e Objetivo**

Assim, o presente trabalho pretende investigar de que forma as redes sociais passaram a ocupar um espaço central na sociedade, modificando o modo como personalidades ligadas à extrema direita articulam-se e se mobilizam, ao ponto de doutrinar e manipular seus seguidores. Dentre as questões a serem analisadas no trabalho temos o crescimento da extrema direita; problemas gerados pelas redes sociais a partir da dualidade que elas possibilitam ao encorajar opiniões particulares e disputas de narrativas; a relação das mídias sociais com o período eleitoral e candidaturas e posses dos cargos políticos com suporte das redes sociais. A pergunta fundamental da pesquisa é: “O caso do MBL seria o resultado da complexa articulação entre política e as redes sociais, dado que, o coletivo evidencia os impactos das comunicações de mídias presentes nos movimentos sociais?”.

A vista disso, para averiguar se a hipótese de que o coletivo é um resultado da complexa relação entre a política, particularmente a extrema direita, e as redes sociais, é necessário

determinar objetivos que foram trilhados no decorrer do trabalho de conclusão. Isto posto, o objetivo geral da presente pesquisa é investigar, discutir e compreender, a partir de uma sociologia política, a relação vigente entre a expansão de grupos conservadores, isto é, a extrema direita, e o uso das redes sociais como meio, ferramenta e promoção política no Brasil, apresentada através do caso Movimento Brasil Livre. No trabalho, serão analisadas bibliografias de referenciais teóricos das temáticas, em conjunto com as postagens via Facebook e Instagram, se tornando notório os mecanismos, aspectos e métodos que tornam o MBL um dos coletivos mais influentes do país, dado que continuamente gera debates e polêmicas nas redes sociais.

Dentre os objetivos específicos que nortearam o trabalho, estão: Analisar a atual crise democrática na política brasileira, a partir do crescimento da extrema direita no país, verificando assim os conceitos de democracia na sociologia política; Examinar como o uso das mídias sociais se popularizou ao ponto de influenciarem nas decisões políticas dos indivíduos, de modo a compreendê-las e utilizá-las como nova ferramenta de mobilização política; Investigar as dinâmicas do uso da comunicação por parte de personalidades/influenciadores políticos ligados à extrema direita no Brasil, como atores Partido Liberal e o Movimento Brasil Livre, a partir de suas respectivas redes sociais (antepostas), usadas como instrumentos de articulação social; e por fim, Explorar o MBL como principal resultado da organização midiática assertiva da extrema direita no Brasil, por meio da análise da construção, ascensão e continuidade do movimento.

### **1.3 Divisão dos capítulos**

Com o intuito de atender aos objetivos apontados e assim obter uma melhor compreensão das dimensões presentes na problematização do tema, o trabalho é estruturado em três capítulos, que possuem o propósito de investigar e debater dentro da sociologia política os principais conceitos relacionados à temática. Foram utilizadas como meios de investigação, análises bibliografias, tanto de obras de autores clássicos, quanto dos contemporâneos, além de examinar das pautas, narrativas e discursos nas redes sociais que auxiliaram para compreensão da forte relação existente entre a extrema direita e as mídias sociais, fundamentando-se no caso do Movimento Brasil Livre. Desse modo, os três capítulos foram divididos meticulosamente da seguinte forma:

O primeiro capítulo, intitulado como “A ascensão da extrema direita global e o caso brasileiro”, foi dedicado a contextualização e análise do crescimento da extrema direita mundial, que historicamente é dividida entre esquerda e direita, com a direita extremista emergindo como força significativa, e no caso nacional, onde a extrema direita conquistou poder a partir da década de 1930, por meio de movimentos sociais, como o Integralismo. Durante o capítulo também foi analisada a crise econômica de 2008 e a insatisfação popular, o que impulsionou a ascensão de partidos extremistas de direita, como o Movimento Brasil Livre e a candidatura de Jair Bolsonaro em 2018. Os exemplos citados possuem um fator semelhante, em que as redes sociais são protagonistas nessa equivalência, que exerceu papel crucial ao mobilizar e consolidar essa nova extrema direita, que promove sobretudo valores conservadores e antidemocráticos.

O segundo capítulo, nomeado de “O uso das redes sociais como ferramenta de representação política”, aplicou-se a analisar a transformação social contemporânea impulsionada pela tecnologia e pela internet, em que a sociedade da informação redefine a comunicação e a política, possibilitando interações rápidas em nível global. Outro fator abordado no capítulo foi o fato de as mídias sociais atuarem como ferramentas de representação política que induzem na opinião pública e conseqüentemente a democracia sofre os resquícios dessa influência, principalmente com a polarização e disseminação de *Fake News* na internet. Por fim, o capítulo torna evidente as estratégias do marketing político digital, sendo atualmente algo de grande importância para campanhas eleitorais, sobretudo para as personalidades ligadas à extrema direita no Brasil, que usam de estratégias de engajamento e criação de conteúdo para construir narrativas que favorecem retóricas utilizadas para estabelecer e atacar a figura do inimigo comum.

O terceiro e último capítulo da pesquisa, intitulado como “Das mobilizações nas redes sociais ao poder: O caso do Movimento Brasil Livre”, é a comprovação das teses debatidas nos capítulos anteriores, uma vez que engloba e exemplifica ambas as temáticas. Durante tal parte fica explícito que em seus ideais de fundação, o MBL buscou promover uma sociedade livre, justa e próspera, utilizando o liberalismo como principal norteador. Com o passar dos anos o coletivo passou por algumas mudanças ideológicas, agregando pautas que anteriormente não faziam parte de seus princípios, muito desse fato se deve pelo intuito de buscarem mais apoiadores para o movimento, dado que, os mesmos necessitavam de votos para eleger seus candidatos, ou seja, o MBL precisou modificar algumas de suas convicções para entrarem e se manterem na política institucional do país. Dessa forma, o capítulo traz

contextos históricos sobre a formação do MBL após as mobilizações de 2013, sendo logo intensificado pela reeleição de Dilma Rousseff em 2014. O MBL utilizou as redes sociais para gerar engajamento nas suas pautas e promover mobilização, onde se destacaram na organização e articulação das manifestações pró-impeachment entre 2015 e 2016, que ocasionaram no impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Com o grande sucesso nas movimentações, em que derrotaram sua principal rival, o coletivo cresceu, conseguindo eleger alguns membros para cargos políticos, além da formação de alianças com partidos tipicamente de direita.

Entretanto, mesmo tendo passado por diversas crises internas e polêmicas, especialmente após o rompimento com o bolsonarismo e a propostas de leis controversas, o Movimento Brasil Livre ainda representa grande parte dos indivíduos declaradamente à direita. Sendo assim, a pesquisa analisa como a extrema direita se comporta no cenário brasileiro em tramitação conjunta com as redes sociais a partir do caso MBL, que conseguem mobilizar e engajar pessoas a seguirem seus posicionamentos tanto no âmbito online, quanto no meio presencial, gerando assim, o crescimento e popularização da extrema direita ao longo dos 15 anos de existência do Movimento Brasil Livre.

#### **1.4 Estratégia metodológica**

Esta pesquisa utilizou o método de estudo de casos por meio de uma pesquisa quanti-qualitativa, e coleta de dados bibliográficos, analisando, procedimentos preestabelecidos para investigar o fenômeno contemporâneo do uso das redes sociais e a efetividade da participação virtual para fins políticos, a fim de relacioná-los ao crescimento e popularização a extrema direita no Brasil a partir do caso do Movimento Brasil Livre. Se caracterizando como um estudo de caso, que segundo o Cientista Social americano Robert Yin (2015, p. 2) “Seria o método preferencial em comparação aos outros em situações nas quais (1) as principais questões da pesquisa são “como” ou “por quê?”; (2) um pesquisador tem pouco ou nenhum controle sobre eventos comportamentais; e (3) o foco do estudo é um fenômeno contemporâneo (em vez de um fenômeno completamente histórico)”. Dado que, este estudo buscou entender como ocorrem os aspectos que fazem com que personalidades e grupos midiáticos se transformem em articuladores e futuros candidatos políticos, que alteram a formação da opinião política de muitos eleitores, por meio de suas opiniões através de posts nas páginas, onde o estudo de caso já se identifica.

Para isso, será necessário interligar técnicas de observação simples na análise das páginas e canais de comunicação em que o MBL atua, examinando principalmente as postagens e pronunciamentos por parte dos membros do coletivo, buscando levantar dados quantitativos e qualitativos dos posts e seus respectivos comentários. Em tese, na utilização de tais técnicas, seu desdobramento se dará através da análise dos conteúdos identificados nas mídias sociais, com base em materiais coletados via Facebook e Instagram. Por fim, será utilizado o método de Laurence Bardin que configura a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (1977). Essa técnica ocorre por meio da utilização da configuração estabelecida por Bardin, se estruturando em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização ou codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação. Buscando a partir de posts, comentários e discursos em tais redes, analisar como MBL se articula e mobiliza através de seus canais de suas mídias sociais.

A partir do estudo quantitativo e qualitativo, baseado em dados recolhidos das redes sociais, materiais teóricos já desenvolvidos pela academia e produções jornalísticas que tratam das temáticas discutidas através da sociologia política, o presente trabalho buscou analisar os resultados obtidos, a fim de relacioná-los com o crescimento da extrema direita no Brasil. A direita extremista soube usufruir das mídias digitais para promoverem suas ideias, o que resultou em movimentos como o MBL. Além disso, a presente pesquisa pretende investigar o crescimento e fortalecimento do grupo ao longo dos últimos quinze anos de coletivo, expondo assim, algumas personalidades governamentais que foram eleitas, na qual já em suas campanhas eleitoral utilizavam-se fortemente dos recursos possibilitados pelas mídias digitais, em que futuramente construíram e consolidaram seu espaço na política nacional. Dito isto, a pesquisa busca comprovar a hipótese desenvolvida de que o caso do MBL seria o promitente resultado da complexa tramitação conjunta entre a política e as redes sociais, uma vez que, o coletivo evidencia os impactos das comunicações de mídias presentes nos movimentos sociais a partir da expansão das candidaturas de "influenciadores digitais" da extrema direita no território brasileiro.



## 2 A ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA GLOBAL E O CASO BRASILEIRO

Nos últimos séculos, a política mundial tem sido segmentada em duas perspectivas ideológicas conhecidas como esquerda e direita e suas variantes mais radicalizadas. Mas antes de discutir o conceito de Extrema-Direita, se faz necessário oferecer uma breve explicação sobre o significado desta dualidade política. Segundo Norberto Bobbio (1995), essas expressões emergiram durante a Revolução Francesa de 1789, onde os girondinos representavam a alta burguesia e ocupavam a ala direita da Assembleia Nacional Constituinte, já os jacobinos, pequenos burgueses que advogavam por reformas radicais e revolucionárias, ocupavam o lado oposto, isto é, o esquerdo.

Posteriormente, a filosofia política associou as direitas à aristocracia e ao conservadorismo, defensora de uma naturalização das desigualdades sociais sem a intervenção do Estado com fortes laços ao capitalismo, enquanto a esquerda estaria vinculada à defesa do igualitarismo e do entendimento das desigualdades enquanto construídas socialmente no contexto do capitalismo, atribuindo ao Estado a função de intervir na questão da mitigação da pobreza (Bobbio, 1995). Entretanto, a partir do século XX, a delimitação ficou ainda mais expressiva no contexto da Guerra Fria, na qual os Estados Unidos e a União Soviética evidenciaram essa dualidade, ao disputarem a hegemonia mundial, na qual, as direitas foram representadas por capitalistas e as esquerdas por socialistas e comunistas. Em meio a tal polarização, surgiu a necessidade de uma nova categorização, dessa vez incluindo as radicalizações desses “lados” políticos, as referidas extrema-direita e extrema-esquerda.

Para dar prosseguimento a análise sociopolítica se faz necessário obter um consenso mínimo sobre o entendimento do termo extrema direita. Contudo, tal definição e classificação emprega um grau de complexidade, se manifestando em distintas expressões que também possuem o objetivo de descrever tal fenômeno. Temos como “direitas”, novas direitas”, “ultradireita”, “direita populista” e “direita radical”, são utilizados para designar atores e dinâmicas associados à uma reemergência no cenário político, de uma direita abertamente antidemocrática e radicalizada, variando em seu modo de ascensão conforme o contexto nacional vigente (Mudde, 2022).

Dessa forma, as terminologias apontadas funcionam muitas vezes como conceitos guarda-chuva que englobam tanto extremistas, quanto radicais, uma vez que, reúnem atores coletivos situados na extremidade direita do espectro político baseado na sua relação com os

valores democráticos. Segundo Cas Mudde (2007), extremismo e radicalismo não diferem apenas em grau, mas em natureza, especialmente no que se refere à relação com a democracia ocidental, dessa forma o extremismo seria uma antítese da democracia, isto é, uma antidemocracia, enquanto o radicalismo se coloca em oposição à democracia liberal.

Ademais, apesar de não se ter um consenso sobre a definição de extrema direita (Mudde, 1995), é possível identificar cinco características centrais desse fenômeno ideológico: nacionalismo, racismo, xenofobia, autoritarismo e rejeição da democracia. Esses elementos, associados em diferentes aspectos, permitem classificar partidos ou indivíduos como extremistas de direita (Mudde, 1995). Esse extremismo pode simbolizar uma radicalização dos valores dominantes (Mudde, 2022), onde a extrema direita vai além de tendências políticas, indo desde partidos tradicionais de relações ambivalentes com legados fascistas e nazistas que atualmente abrange a uma agenda conservadora cristã, até partidos mais contemporâneos que adotam o neoliberalismo como uma de suas principais pautas ao defenderem as privatizações e liberalização econômica, alcançando assim expressivos resultados eleitorais com a inclusão das pautas citadas.

Porém, nos últimos anos, a extrema-direita tem sido percebida como um fenômeno externo, ou seja, que não surgiu isoladamente em um único país, uma vez que, se revelou em várias partes do mundo, estando ligado a diferentes grupos que apresentam suas próprias particularidades. Tal fato fica ainda mais perceptível após a análise das diferentes expressões da extrema-direita ao redor do mundo, dado que possuem uma extensa variedade de pautas, demonstrando horizontes ideológicos diversos composto por estratégias e ideais de como o meio social deve ser (Caldeira Neto; Forti, 2023). Contudo, ao longo dos anos, mesmo com a direita extremista crescendo de modo controverso e avassalador, o chamado campo progressista observou, com estranheza e de maneira passiva, a reestruturação e o fortalecimento político da extrema-direita.

Ao analisamos a direita extremista de modo generalizante, há uma tendência de vincular certas questões, como o antissemitismo e o racismo, ou outras questões políticas como a imigração e a segurança pública, ao campo da extrema-direita (Mudde, 2020). Dessa forma, essas pautas estão diretamente ligadas às diferentes lideranças políticas do campo da extrema-direita, uma vez que elas surgem e ganham espaço de inúmeras formas, se adaptando ao contexto político e ao público em questão. Esses indivíduos geralmente ascendem por meio de polêmicas debatidas pela sociedade, levando cidadãos politicamente engajados a

participarem de partidos políticos novos ou tradicionais, com o intuito de assumirem o poder para assim expressar efetivamente sua ideologia pessoal na sociedade (Solano, 2019).

No entanto, ainda que os movimentos de direita possuam particularidades que diferem conforme o contexto histórico e cultural de cada país, é viável reconhecer certas características que são comuns à maioria desses grupos. Frequentemente, esses movimentos ligados à extrema-direita escolhem identificar e categorizar um "inimigo" comum, se tornando um elemento fundamental em sua retórica. Este "inimigo", inclui principalmente o dito “temor comunista” ou “anticomunismo”, sendo persistente na sua retórica o chamado “perigo vermelho” (Solano, 2019), comum às direitas tradicionais, mas também abrange minorias raciais, sociais e religiosas, além dos movimentos feministas e a comunidade LGBTQIAP<sup>1</sup>, como adversários (Caldeira Neto; Forti, 2023). Segundo Achille Mbembe (2017), é provável que as democracias sempre tenham sido comunidades de semelhantes, em que de um lado estará a classe dominante e do outro um conjunto de pessoas que, de uma maneira ou de outra, sempre foram consideradas estrangeiras, sendo uma população indesejada e parcialmente privada de direitos. A tática de estabelecer um “bode expiatório” é habitualmente usada para atribuir a esses grupos a responsabilidade pelos problemas que a sociedade enfrenta, permitindo assim, que extremistas construam narrativas de perseguição e ódio aos seus dessemelhantes, ocasionando na unificação de movimentos, mesmo em grupos tão diversos, fazendo com que a extrema-direita se expanda para inúmeras nações durante os últimos anos.

## **2. 1 - Ascensão da extrema-direita global**

As conquistas civis das sociedades capitalistas ocidentais após a Segunda Guerra Mundial, em particular o igualitarismo e as liberdades democráticas, pareciam estabelecidas nas sociedades europeias e americanas, e em processo de consolidação nos países periféricos. Mesmo com obstáculos ou diferentes graus de conformidade com as chamadas normas democráticas (liberdade de imprensa, associação e manifestação, supremacia das leis e independência do judiciário, adoção e respeito aos direitos civis, políticos e sociais), os pesquisadores no começo dos anos 1990, após a queda do muro de Berlim e o colapso da União Soviética, previram uma terceira onda global de democratização, na qual, o liberalismo

---

<sup>1</sup> Abreviação de: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais e o + representa outras identidades e orientações sexuais.

teria um papel central. O nazismo, fascismo, stalinismo, franquismo, salazarismo e as ditaduras na América Latina eram vistas como fenômenos ultrapassados, resquícios de uma antiga era que aparentemente estava distante da nova realidade social democrática. (Mudde, 2020). Entretanto, essa herança de movimentos autoritários, continua amplamente presente em nossa sociedade, especialmente, com a presença das faces do neoliberalismo, profundamente enraizado nos movimentos da extrema-direita.

Visando estritamente o cenário contemporâneo, é notável a expansão e a conquista de poder da extrema-direita em diversas regiões do mundo, desde a América, com Estados Unidos, Brasil e Colômbia, na Europa, com Hungria e Polônia, até a Ásia, com Israel, Turquia e Índia, entre outros países. (Mudde, 2020), com o avanço da hegemonia neoliberal. Para Esther Solano (2019), o neoliberalismo é visto como "a nova razão do mundo", que atravessa todas as esferas da existência humana para além da econômica. A promoção desta agenda liberal, conservadora e populista radical incentivou o individualismo, gerando um ambiente de polarização política e, em algumas ocasiões, uma reação violenta contra os que clamam por um mundo mais plural e democrático. Os fatos já mencionados acarretaram expressivas mudanças nos contextos políticos e sociais destes estados nacionais citados, alterando-os drasticamente, uma vez que, os aspectos marcantes da propagação do neoliberalismo na estrutura do capitalismo atual tem sido o aumento da desigualdade de renda nas últimas décadas. Seria uma coincidência que justamente no período em que o neoliberalismo cresceu, as desigualdades sociais também aumentaram que observamos o avanço da extrema direita?

Há certo consenso na literatura especializada que a extrema-direita ganhou espaço, não só com a expansão do neoliberalismo, mas principalmente após a crise econômica mundial em 2008. Devido à falência do banco americano Lehman Brothers, uma das maiores instituições financeiras globais, que passou por uma severa crise de liquidez no mercado imobiliário, acarretou a queda da pirâmide financeira global, sendo resultado da ampla liberalização financeira ocorrida na década passada. Segundo Manuel Castells, a crise de 2008 teria sido:

“A crise de um modelo de capitalismo, o capitalismo financeiro global, baseado na interdependência dos mercados mundiais e na utilização de tecnologia digital para o desenvolvimento de capital virtual especulativo que impôs sua dinâmica de criação artificial de valor à capacidade produtiva da economia de bens e serviços. De fato, a espiral especulativa fez colapsar uma parte substancial do sistema financeiro e esteve prestes a gerar uma catástrofe sem precedentes. [...] À beira do precipício, os governos, com nosso dinheiro, salvaram o capitalismo” (Castells, 2018, p. 16)

Ou seja, essa crise econômica evidenciou ainda mais os limites da democracia representativa em responder aos problemas gerados pelo neoliberalismo, dado que, os aspectos contemporâneos pós 2008 revelam um panorama influenciado pela crise econômica para recuperar a taxa de lucros do capital, além do crescimento da desigualdade, desemprego e da precarização severa das condições de trabalho, fazendo com que a população recorresse a soluções emergentes mediante a partidos e movimentos de práticas neofascistas.

No cenário mundial, a extrema-direita se coloca para a população como a única alternativa possível para a mudança do sistema político, que com frequência a população entende como fisiológico, corrupto e inábil para oferecer soluções (Solano, 2019). A afirmação “a democracia está em crise” não surpreende mais ninguém, sendo ela multifacetada, resultando no declínio das estruturas representativas tradicionais, além de um mal-estar geral com o funcionamento democrático atual. Para Solano (2019), esse contexto é a representação literal da crise democrática, sendo um ambiente propício para a ascensão da extrema-direita em âmbito mundial com auxílio da religião como caráter conciliador, pois, conforme a autora:

“Para se erguer como esta força reguladora das subjetividades e da vida coletiva, o neoliberalismo precisa de um conjunto de valores e configurações éticas que reinterprete as crises econômicas como crises morais, de valores e de abandono dos valores tradicionais. É aqui que entra o papel da religião como legitimadora moral do neoliberalismo, especificamente no seu modelo meritocrático da teologia da prosperidade e da lógica do sacrifício” (Solano, 2019, p. 7)

Tais promoções e engajamento político, somado à ausência de soluções por parte dos governos, de diferentes matizes ideológicos, contribuíram para um ambiente propício ao ressurgimento de valores que, até então, faziam parte de uma “velha era”, tornando-os relevantes novamente. Estes movimentos relacionados à extrema-direita, voltaram a ganhar força a partir dos anos 2000, onde mesclavam, de maneira contraditória e complementar, elementos conservadores e ultraliberais, acompanhados de práticas autoritárias e neofascistas (Solano, 2019). Com o passar dos anos, essas práticas começaram a se materializar em forma de partidos políticos que ainda não governavam, entretanto, possuíam uma ampla base eleitoral com a figura de um líder populista conservador, influenciando assim o meio social e a política dos países, não demorando para que tais atos se tornassem estratégias governamentais.

É complexo oferecer uma explicação geral para esse fenômeno tão diverso, dado que envolve representações e discursos particulares dos países influenciados pela extrema-direita. Entretanto, mesmo que pareça contraditório, são exatamente estas peculiaridades que os tornam semelhantes (Mudde, 2020). Essa desregulação política acompanhada de incerteza econômica, e a crise migratória com o aumento de refugiados que emergiu de forma proeminente no cenário social, estimulando a ascensão de discursos nacionais radicais, xenófobos e anti-imigratórios, influenciaram para a ascensão da extrema-direita. Esses elementos, de natureza política e econômica, transformaram o panorama político, cultural e ideológico das nações, uma vez que foram impactados pelos partidos da extrema-direita. Além disso, eventualidades como a tensão econômica, já mencionada, nos Estados Unidos (2008), a crise econômica na zona Euro<sup>2</sup>(2011), e a crise do Brexit<sup>3</sup> (2016), contribuíram para expor as dificuldades existentes nessas regiões, posto que, causam a sensação de instabilidade social para alguns cidadãos, o que levou a busca por estabilidade por figuras mais autoritárias (BBC News Brasil, 2021). Dentre os casos mais conhecidos, que comprovam a ascensão da extrema-direita estão: Donald Trump – Partido Republicano (Estados Unidos), Narendra Modi - BJP (Índia), Viktor Orbán - Fidesz (Hungria), Recep Tayyip Erdoğan - AKP (Turquia), Benjamin Netanyahu - Likud (Israel), Javier Milei - PL-A (Argentina) e Jair Bolsonaro – PSL/PL (Brasil) (Gomes e Silva, 2024). No entanto, em muitas outras nações temos governos próximos desta tendência, mesmo que não possuam posições tão explícita, como a Rússia (Vladimir Putin – Rússia Unida), e o recente caso das eleições na Alemanha (Friedrich Merz – UDS/CSU), em que a AfD obteve votação recorde nas eleições, gerando um grande alerta ao cenário político europeu (Le Monde, 2025).

A partir dos diferentes exemplos citados, fica evidente a complexidade e o alcance do crescimento da extrema-direita, sublinhando sua atuação em diversos segmentos da sociedade e nas instituições políticas. Para Cas Mudde (2020), a elucidação no desenvolvimento desses movimentos acontece ao longo do tempo, passando por distintas etapas, que estão em constante movimento. Assim, tomando de exemplo o progresso da extrema-direita em diferentes partes do mundo, podemos concluir que no presente momento, o pêndulo da política global se movimenta predominantemente para à direita (Avritzer, 2019), ideia na qual será explorada na seção seguinte, em que será analisado, sobretudo, o cenário da ascensão da extrema-direita no Brasil.

---

<sup>2</sup> Grupo de países da União Europeia que adotaram o euro como sua moeda oficial.

<sup>3</sup> Abreviação de "British Exit", que significa "Saída do Reino Unido da União Europeia.

## 2.2 - Ascensão da extrema-direita brasileira contemporânea

Para compreensão da recente ascensão da extrema-direita, se faz necessário entender o contexto geral dessa progressão. Os anos 90 passaram a ser um período marcado pela globalização, passando por transformações cruciais para a reestruturação do país, tanto do ponto de vista político quanto social. Dessa forma, os movimentos da extrema-direita brasileira se adaptaram às demandas sociais para enfrentar os avanços da esquerda, se utilizando da delicada transição democrática e da crise econômica e social, que o país estava passando (Kaysel, 2015). Já os anos 2000 testemunharam a implementação de políticas sociais significativas, como a valorização do salário-mínimo e a política de transferência de renda, a promoção do acesso à educação superior e iniciativas voltadas para a igualdade social, racial e de gênero, especialmente após a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no ano de 2002. No entanto, progressos nessas áreas coexistiam com críticas internas a esquerda, especificamente ao PT, que estava no poder, sendo esse o ponto de estopim das insatisfações por parte da população, o que fez com que partidos e personalidades da extrema-direita ganhassem espaço (Souza, 2016).

A partir de 2006, começaram a surgir os primeiros movimentos sociais “atuais” ligados à extrema-direita no Brasil, provocando mudanças significativas no cenário social e político, sobretudo, pelo uso dos meios digitais no processo. O Movimento Endireita Brasil (MEB), criado em 2006 por Ricardo Salles (que futuramente seria Deputado Federal e Ministro do Meio Ambiente no Governo Bolsonaro), foi uma dessas iniciativas, possuindo como propósito corrigir a imagem negativa que a direita tinha no Brasil (O Globo, 2019), dado que, na época alguns cidadãos não se sentiam representados pelos partidos existentes do quadro político. Segundo Solano, esse fator é causado porque:

“Os partidos políticos transformam-se em partidos decorativos, em máquinas profissionalizantes e hiper burocratizadas, cartelizadas, que perdem sua conexão ideológica, emocional e psicológica com o eleitor. O voto passa a ser mais um momento cartorial da vida do indivíduo, que não se sente representado por tais estruturas cada vez mais autocentradas, reféns da lógica das elites empresariais e absolutamente distantes da população” (Solano, 2019, p. 9)

Essa crise de representação partidária, em conjunto com problemas econômicos e sociais, possibilitaram a reorganização de um campo neoconservador, que utilizou a retórica do medo e do inimigo comum como instrumento mobilizador. Além de tais pautas, somasse a lista a defesa dos valores da família tradicional heteronormativa e da moralidade (Solano,

2019), a luta contra a corrupção, poio a legalização do porte de armas e do aumento das liberdades individuais típicas de partidos da extrema-direita, estimularam a criação de muitos outros movimentos sociais durante toda a década.

A partir do exemplo do MEB, inúmeros grupos políticos surgiram, como o; Movimento Cívico pelo Direito dos Brasileiros (CANSEI), fundado em 2007 por setores da elite brasileira, onde possuiu o ex-governador do Estado de São Paulo, João Dória, como um de seus organizadores; Movimento Revoltados Online (ROL) que foi uma organização online, formada em 2010 (Rocha, 2019), com o intuito de combater os corruptos no Brasil, que se autodenominavam como antipetistas, uma vez que, eram fundamentados por pautas contrárias ao governo vigente; e o Movimento Brasil Livre (MBL), criado em 2014, se caracterizando pelo firme discurso contra o PT, tal movimento será melhor debatido no quarto capítulo.

Com a união de diferentes cidadãos influenciados por discursividades da extrema-direita, formados principalmente por jovens politicamente engajados, o Brasil passou por mudanças significativas em seu cenário político. A problemática da mobilidade urbana nas metrópoles e os escândalos de corrupção foram algumas das razões mais evidentes que podem elucidar as manifestações que tomaram conta do país em junho de 2013. Em 6 de junho de 2013, o Movimento Passe Livre (MPL) deu início aos protestos na cidade de São Paulo, em repúdio ao reajuste de vinte centavos nas tarifas do transporte público, representando a ampla insatisfação da população com a situação política do Brasil (Souza, 2016). Tal mobilização ganhou notoriedade no país, principalmente pela cobertura midiática sensacionalista, onde a partir deste protesto, foi desencadeado uma série de manifestações em diferentes cidades, estando entre elas; o Rio de Janeiro (RJ), Brasília (DF), Salvador (BA), Fortaleza (CE) e Belo Horizonte (MG), sendo intitulada como Jornadas de junho (Singer, 2013).

Apesar das Jornadas de Junho terem como ponto de partida o reajuste no preço da passagem e a defesa de pautas tradicionais da esquerda, o descontentamento social foi logo capturado por grupos conservadores, alguns deles vinculados às classes médias que estavam de fora do alcance das políticas neo desenvolvimentistas do governo, mas foram impactadas pela crise econômica de 2008 (Singer, 2013). No entanto, o neofascismo tomou conta das manifestações, multiplicando e diversificando as pautas dos protestos, transfigurando mais nitidamente em antigovernistas e antipolítica de modo geral, mesmo quando todos os indicadores de curto prazo apontavam para a consolidação e o fortalecimento da democracia



no país (Avritzer, 2019), sendo de certa forma, uma maneira da burguesia associada, recuperaram o protagonismo político que haviam perdido nas últimas eleições. Leonardo Avritzer (2019) comprova essa questão ao analisar a crise desde 2013, observando como a democracia no Brasil é construída a partir de movimentos pendulares. Ao explorar esta visão pendular, Avritzer compreende uma concepção tanto empírica quanto normativa da crise. Essa dinâmica diz respeito a certos aspectos acionados ao longo da história pelas elites e pelas massas em períodos de fervor democrático ou autoritário, pois:

“O argumento do pêndulo democrático baseia-se na ideia de que a democracia brasileira envolve tanto períodos democráticos como períodos de regressão democrática. (...) os períodos de regressão democrática como aqueles nos quais existem questionamentos em relação aos resultados eleitorais que se associam ao fortalecimento das instituições da contra democracia que ultrapassam, neste caso, o seu papel subordinado em relação às instituições constituídas pela soberania popular.” (Avritzer, 2018, p. 276, 277)

Isto é, a regressão democrática, caracterizada pela diminuição do apoio da opinião pública à democracia e pelo surgimento de práticas antidemocráticas, não afetou apenas a dinâmica das instituições político-eleitorais, mas também abalou o consenso que, até então, era mantido sobre a função do Estado. Essas forças, que estimularam o movimento cambaleante na democracia do Brasil, geraram uma propensão que faz o pêndulo ir na direção contrária a democracia no país (Avritzer, 2019), dado que esse conjunto de ações contribuiu para o enfraquecimento da democracia no país. Um exemplo dessa postura é a não aceitação dos resultados eleitorais por parte de alguns cidadãos (Solano, 2019), estando nítido que mesmo inseridos em um país de regime democrático, há uma permanência de amplas vias antidemocráticas de questionamento à soberania política.

Para Adalberto Cardoso (2020), os movimentos das jornadas de junho foram um momento introdutório no processo de “abertura societária” que de certa maneira expandiu o conflito social, instaurando novas perspectivas da luta política, especialmente depois das mídias sociais e da grande imprensa institucional insuflarem as mobilizações para as ruas, fator que será mais bem explorado no capítulo seguinte. Esse cenário fez com que as denúncias sobre a corrupção no governo fossem propagadas pela grande imprensa, o que alarmou a população, principalmente após as divulgações sobre a Operação Lava Jato<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Investigação policial e judicial brasileira, iniciada em 2014, que expôs um grande esquema de corrupção, envolvendo diferentes personalidades institucionais, como políticos, empresários e grandes empresas governamentais, estando entre tais estatais a Petrobras.

(Rocha, 2019). Em 2014, Dilma Rousseff se lançou na campanha pela reeleição, na qual enfrentou uma forte oposição, muito maior do que a que combateu em 2010.

O conflito político ficou ainda maior após a vitória de Dilma Rousseff (PT) nas eleições de 2014, uma vez que ocasionaram inúmeros protestos que levavam à frente a palavra de ordem “Fora PT” (Rocha, 2019). Essa série de manifestações foi encabeçada, sobretudo, por movimentos direitistas do Brasil, isto é, pela oposição ao governo, onde ganharam popularidade e conquistaram mais adeptos e simpatizantes para as mobilizações pró-impeachment. A partir destes pontos, todos esses processos de radicalização política também marcaram as eleições presidenciais de 2018 e 2022. Dessa forma, as Jornadas de junho de 2013 e os outros movimentos que lhe sucederam, trouxeram uma variedade de personagens, grupos e coletivos à cena política brasileira (Cardoso, 2020), fazendo com que as direitas acendessem depois de 2013, principalmente a extrema-direita que insuflaram o patriotismo e os valores conservadores, com finalidade de passar a ideia de que o país seria entregue novamente ao povo. Segundo Cardoso:

“De fato, não pode pairar dúvidas quanto ao apelo aos símbolos nacionais nas manifestações que marcariam a conjuntura posterior a 2013. Nos protestos antigovernistas iniciados em 2014, as pessoas passaram a ir para as ruas vestidas de verde e amarelo, portando a bandeira nacional e cantando o hino, e tendo como principal bordão a frase “queremos nosso Brasil de volta”. O anticomunismo estava expresso no “nossa bandeira nunca será vermelha”, o autoritarismo na nostalgia do regime militar e em faixas e palavras de ordem pela redução da maioria penal e contra as políticas voltadas para os direitos humanos, em exortações contra o aborto e pela família (heterossexual) e por leis mais rígidas contra o crime. Não se tratava da emergência de uma nova direita nas ruas. Tratava-se, indubitavelmente, do retorno das direitas, muito particularmente a extrema-direita, às ruas e ao ciclo político brasileiro.” (Cardoso, 2020, p. 81)

Baseado nesse período, o conservadorismo começou a se fortalecer, se expressando pelo crescimento de candidatos das direitas nas eleições de 2014. É interessante também ressaltar que os partidos já existentes aumentaram sua representação na Câmara dos Deputados, algo que não acontecia desde 1998, dado que encontraram amplo apoio entre os brasileiros insatisfeitos com a realidade do Brasil. Esses variados perfis ideológicos que apoiavam tais processos ampliaram as perspectivas da competição política que cresceram pós-manifestações, especialmente com o retorno do domínio das direitas nas ruas, conforme aconteceu a partir de 2013 (Cardoso, 2020). Esse contexto serviu como um meio que facilitou

o caminho para muitos políticos e candidatos que hoje têm certa relevância nacional, evidenciando, portanto, uma séria e visível crise da democracia no país.

As eleições de 2014 se destacaram pela notória quantidade de votos recebidos por personalidades como: Jair Bolsonaro (PSL) que obteve 464 mil votos, sendo o deputado federal mais bem votado do Rio de Janeiro; e Marcos Feliciano candidato pelo Partido Social Cristão (PSC), eleito com 398.087 votos, o que o tornou o terceiro candidato a deputado federal mais votado em São Paulo (Tribunal Superior Eleitoral, 2014). Ao abordarem critérios morais e tradicionais, esses candidatos políticos da extrema-direita firmaram a ideia de “Família tradicional brasileira”, se colocando como guardiões e asseguradores dos valores da família (Solano, 2019). Uma frase muito conhecida e usada por muitos desses políticos é o slogan “Deus, Pátria e Família”, que pelo atual cenário pode ser agregado à palavra “Armas” nesse emblema. Partindo de tais posições, que misturam o neoliberalismo pendendo para o neofascismo, Odilon Caldeira Neto (2022) qualifica essa vertente em termos “tipológicos”, como um fenômeno com características que ultrapassam elementos fundamentais e organizativos do fascismo histórico, como um partido, regime, ou modelo de Estado, que possui estatuto próprio de desenvolvimento, que ganham popularidade notória, não sendo um mero apêndice de continuidade ou dos resquícios do fascismo clássico.

E foi exatamente esse campo neofascista brasileiro que impulsionou as mobilizações a favor do impeachment, que se intensificou até 2016, ano em que, após uma dura batalha, o impeachment de Dilma Rousseff aconteceu. A queda da presidente também foi patrocinada por grupos políticos do chamado “centrão”<sup>5</sup>, liderados por Michel Temer, que até então era vice-presidente de Dilma Rousseff (Caldeira Neto, 2022). Para muitos, a forma de governar da presidente não se mostrava adequada para implementar as contrarreformas com a rapidez e a profundidade necessária para a classe burguesa e nem oferecendo evidências de controle sobre as mobilizações da classe trabalhadora, se configurando como um fator persistente.

A chegada de Temer à presidência trouxe diversas transformações na política brasileira, com reformas econômicas destinadas a equilibrar as contas e atrair investidores internacionais. Contudo, essas mudanças também tiveram repercussões sobre os direitos e garantias dos trabalhadores, ao implementar reformas nas áreas trabalhistas e previdenciárias. Além disso, ocorreram cortes de orçamento em programas sociais e na educação, impactando

---

<sup>5</sup> Termo utilizado para se referir ao grupo informal de partidos posicionados no centro ou centro-direita da política brasileira, não possuindo uma ideologia fixa, agindo conforme convém.

os direitos sociais da população brasileira. Tal circunstância não é de hoje, uma vez que as análises de Florestan Fernandes (2006) já apontavam na estrutura social brasileira, observando esses grupos antepostos, sendo notório como eles utilizam de seu prestígio social para exercer o poder de forma discriminatória a fim de atender os seus próprios interesses.

Já as eleições de 2018 foi totalmente incomum, dado que, o Brasil chegou ao seu estopim referente a polarização política e aos desafios complexos enfrentados, entretanto, mesmo com o país passando por tais eventualidades, a extrema-direita conseguiu se organizar e encontrar um candidato que gerou aceitação da base eleitoral das direitas, tanto na classe burguesa quanto da classe trabalhadora, especialmente, dos evangélicos e das forças armadas. Jair Bolsonaro foi o candidato escolhido para ser representante das direitas na eleição presidencial de 2018 pelo PSL. Baseado no contexto vigente, Bolsonaro utilizou do oportunismo e de estratégias online em toda sua campanha eleitoral, construída de forma gradual desde as mobilizações de 2013. O candidato também se utilizou de *Fake News* disseminadas nas redes sociais, começando por suas discursividades no processo de impeachment da ex-presidente, Dilma Rousseff (Solano, 2019), até falácias sobre o PT e suas posições sociais, trazendo pautas distorcidas e inventadas como, a cartilha sexual e o Kit Gay nas escolas. A campanha de Bolsonaro também foi marcada pelo atentado que ele sofreu, o que gerou grande comoção nacional, fazendo com que o candidato não participasse dos principais debates políticos do primeiro turno das eleições presidenciais de 2018.

Ademais, Bolsonaro soube explorar o descontentamento que permeava a maior parte da população, alimentado com mentiras, prometendo atender às necessidades de grupos específicos da população. Para obter o grande resultado, recorreu a discursos religiosos e proclamou o slogan “Deus acima de tudo”, buscando conquistar a simpatia dos eleitores cristãos ao defender a moral e os bons costumes. Os setores neopentecostais abraçaram Bolsonaro e se engajaram politicamente, salientando assim o foco do “cristianismo no voto”, termo usado por Avritzer (2021), para referir-se à questão da interferência da religião no voto dos ditos como “cristãos”. Tal relação entre a política e a bancada evangélica é bastante complicada, pois essa associação explica o crescimento da violência no ambiente no qual a religião perde seu caráter conciliatório, colocando tal visão acima da necessidade geral da sociedade (Avritzer, 2021), uma vez que:

“A bolsonarização da sociedade é um fenômeno complexo e multifatorial que irrompeu nossa realidade com muita força. Elementos que são altamente corrosivos para a democracia, como a

retórica antissistema e a instrumentalização dos anseios de renovação política, o louvor a uma justiça messiânica, o antipartidarismo, a visão do adversário político como inimigo a ser aniquilado, o anti-intelectualismo, foram fundamentais na vitória de Bolsonaro junto ao apoio das principais igrejas evangélicas e amplos setores das Forças Armadas.” (Solano, 2019, p. 25)

Jair Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil nas eleições de 2018. Segundo Solano (2019), a onda bolsonarista atropelou inesperadamente a política brasileira, uma vez que, sua figura também influenciou na vitória de muitas outras personalidades, como a de seu filho, Eduardo Bolsonaro, o deputado federal mais votado da história, com mais de 1,8 milhão de votos, e de muitos outros associados ao PSL. A eleição de Bolsonaro segue a trajetória de figuras populistas, como Donald Trump e Viktor Orbán, que utilizam de discursos reacionários, conservadores e extremistas (Solano, 2019), apelando para o emocional dos cidadãos, fazendo com que eles se mobilizem e até radicalizem nas ruas e nas redes sociais.

Nas últimas eleições para presidência, 2018 e 2022, muitos partidos como PL, Republicanos, PSL e Partido Novo, além do fortalecimento de movimentos políticos como MBL, que anos atrás não tinham muita relevância no cenário nacional, conseguiram visibilidade ao usarem as redes sociais para levantar pautas econômicas, contra a corrupção, reafirmando os valores morais e cristãos. Esses partidos e personalidades conseguiram consolidação nacional e hoje tomam grande parte das bancadas do legislativo e executivo do nosso país. Para obter-se um melhor entendimento sobre a atual condição da extrema-direita no país, se faz necessário entender como as mídias digitais se tornaram ferramenta política fundamental para a ascensão da ultradireita em nível mundial e o caso brasileiro.

### **3 O USO DAS REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA**

Nos últimos anos, a adoção das novas tecnologias da informação e comunicação (TIC), como a internet, redes sociais e plataformas digitais, em conjunto com novas formas de organização social, política e econômica, tem gerado uma rápida transformação no panorama global, resultando em profundas mudanças sociais. Estamos imersos em diferentes teorias e conceitos sobre o mundo que habitamos, isto é, vivemos cercados por distintos modos de compreender a realidade, principalmente, ao discutirmos sobre fenômenos constantes da sociedade contemporânea, como a globalização, polarização política e o campo da informação, uma vez que, esse âmbito gere e sustenta ao meio social atual (Bell, 1977). Dessa forma, de acordo com Daniel Bell (1977), convivemos em uma sociedade pós-industrial, onde a informação se tornou um pilar central para engrenagem da economia e das relações sociais, já que, quem controla a informação, também conduz a estrutura social vigente.

De acordo com estudiosos da temática, a sociedade contemporânea é caracterizada por termos como sociedade da informação, pós-industrial, pós-fordista, e pós-moderna, de simples adjetivos ou prefixos, que buscam refletir autênticas mudanças da atualidade. Segundo Krishan Kumar (1997), as transformações sociais, culturais, econômicas e políticas que marcaram as últimas décadas podem ser analisadas a partir das diferentes expressões já citadas, sobretudo os conceitos de sociedade da informação e teorias da pós-modernidade. Sendo assim, estas ideias são de extrema importância para compreendermos a revolução tecnológica dos meios de comunicação, originada do processo de globalização, que fundamentará a investigação ao campo da informação, com foco na internet e nas mídias sociais, e sua forte ligação com o campo político.

A informação não é apenas um conceito, mas também uma ideologia, que está profundamente relacionada ao desenvolvimento dos computadores durante e após a Segunda Guerra Mundial (Kumar, 1997). Isso se deve ao fato de que conhecimento e informação se tornam os pilares essenciais para a criação de riqueza e poder na sociedade. Em outras palavras, a origem da informação está intimamente conectada ao avanço dos computadores nos anos de guerra e no período logo após, evidenciando a ligação direta entre a tecnologia computacional e as crescentes demandas militares do ocidente. Com isso, pode-se afirmar que a sociedade pós-industrial é essencialmente uma sociedade da informação, assim como a sociedade industrial foi caracterizada pela produção de bens (Bell, 1977). Essa nova realidade

é fruto da fusão entre computadores e telecomunicações, que resulta em um sistema integrado de conhecimento, habilitado pela combinação de diferentes satélites, televisão, telefonia, cabos de fibra óptica e microcomputadores, tornando a informação acessível a todos, em qualquer lugar e momento (Kumar, 1997). Essa sociedade da informação visa não apenas examinar as mudanças causadas pelas novas tecnologias da informação, que, inclusive, sem ela, o capitalismo seria limitado (Castells, 1999), mas também antecipar transformações que podem acontecer na sociedade pós-moderna.

A pós-modernidade é um tempo de opção incessante, ou seja, é caracterizada por um cenário de pluralidade de perspectivas, representando uma época em que nenhuma ortodoxia é aceita sem um toque de desconfiança ou até ironia, uma vez que, todas as tradições aparentam ter algum grau de validade (Kumar, 1997), contribuindo para formação de uma sociedade marcada pelo relativismo e fragmentação de valores. Esse conceito surgiu primeiramente no âmbito cultural, no entanto logo se expandiu para influenciar áreas sociais de grande relevância. Conforme a perspectiva de Kumar (1997), este período marca a instauração da democracia das tradições, onde todas as formas de costumes, sejam elas políticas, religiosas, econômicas ou culturais, são reconhecidas e podem coexistir no mundo globalizado.

Tal globalização é um resultado direto da modernidade, provocando uma universalização não apenas dos impactos globais, sejam eles sociais, políticos ou econômicos, mas também do conhecimento e das dinâmicas sociais, pois as formas como os indivíduos se relacionam também é globalizada, fazendo com que em parte a sociedade perca a sua autoconsciência coletiva (Beck, 1999). Em suma, a sociedade atual moldada pela globalização tem o potencial de provocar transformações significativas nos costumes sociais, dado que ideias circulam aceleradamente, ultrapassando fronteiras geográficas através dos meios digitais, fazendo com que atitudes e opiniões se espalhem globalmente, como tendências culturais ou movimentos sociais, trazendo consigo a propagação da desinformação

Para analisar os processos comunicacionais no ambiente político atual é essencial compreender o que é desinformação e misinformation. Segundo Don Fallis (2009), desinformação é um termo relativamente novo, uma vez que muitas vezes sua definição é comparada com o significado da palavra mentira, contudo, mentir não é o mesmo que desinformar, fator esse que é de extrema importância para entender o conceito de desinformação. Fallis (2009) propôs que desinformação é a informação enganosa que foi prevista ou intencionada por quem a disseminou, ou seja, ela não é um subconjunto direto da

informação falsa e sim da informação que engana. Já a misinformação são informações falsas ou imprecisas disseminadas sem a intenção de enganar, fruto de erro ou desconhecimento, como ocorre quando indivíduos ou veículos de imprensa compartilham conteúdos incorretos acreditando em sua veracidade (Fallis, 2009). Tal circunstância ocorre corriqueiramente, principalmente após o avanço dos meios de comunicação e sua relação com o meio político, onde muitas pessoas compartilham informações que elas acreditam serem verdadeiras (misinformação), mas que foram produzidas a fim de enganar e moldar a opinião dos indivíduos (desinformação), com o objetivo de fundamentar e apoiar suas posições políticas.

Diante de tais ideias, o sujeito pós-moderno torna-se fragmentado institucionalmente em suas relações ao sofrer interferência da revolução tecnológica nos meios de comunicação, ou seja, dos âmbitos digitais, a exemplo da internet e redes sociais. Para Castells (1999), tal revolução tecnológica não está na centralidade de conhecimentos e informação, mas na aplicação desses conhecimentos e informações. Essa influência ocorre devido à capacidade de amplificar a velocidade das transformações que a disseminação de informações provoca na sociedade, sendo uma comunidade que aumenta as interações entre seus membros, expandindo sua visão para outras culturas. Este entrelaçamento de culturas impulsiona e acelera o ritmo do processo de globalização, estimulado pela revolução digital, ampliando a troca de informações entre diversos grupos sociais, resultando nessa rapidez na transformação de narrativas culturais, econômicas e políticas. Essa rapidez na troca de informações acaba por impactar a fragmentação e a fluidez do indivíduo pós-moderno (Kumar, 1997). Assim, a relação existente entre os cidadãos pós-modernos, a globalização e os meios de comunicação caracterizam uma interconexão, no qual cada componente contribui para o funcionamento outro, formando assim um panorama composto da sociedade atual.

### **3.1 - Internet e Redes Sociais digitais**

Há algumas décadas, o mundo passou por uma transformação estrutural, sendo um processo multidimensional, ligado ao surgimento de um novo paradigma tecnológico, fundamentado nas tecnologias de comunicação e informação, já mencionado anteriormente. É importante destacar que a tecnologia não define a sociedade, mas sim a sociedade que a determina (Castells, 1999), pois ela a molda conforme as necessidades, valores e interesses que surgem dos indivíduos. Ademais, as tecnologias de informação e comunicação são particularmente vulneráveis aos impactos sociais da própria tecnologia, principalmente após a



introdução da internet. A trajetória da Internet nos oferece inúmeras provas de que os primeiros usuários foram, na maioria, os criadores desta tecnologia (Castells, 1999).

O surgimento da Internet se deu por meio de um plano audacioso durante a Guerra Fria, realizado por guerreiros tecnológicos da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos na década de 1960, visando prevenir a invasão ou aniquilação do sistema de comunicações dos Estados Unidos em uma eventual guerra nuclear (Martino, 2014). O que se obteve foi uma infraestrutura de rede que conforme desejavam seus criadores, não poderia ser gerenciada a partir de um único ponto, consistindo em milhares de sistemas computacionais independentes, interligados de diversas formas, superando obstáculos eletrônicos, se tornando algo revolucionário. Dessa forma, a Internet transformou radicalmente o panorama da comunicação nos últimos anos, oferecendo à sociedade um meio de interação que supera as limitações de espaço e tempo.

Posto isso, a principal distinção entre a Internet e outros meios de comunicação tradicionais, como rádio e televisão, está no fundamento da reciprocidade. Embora o telefone permita uma conversa direta entre indivíduos, o que também é considerado recíproco, sua natureza é mais individualizada. Já a internet, em contraste, promove uma interação comunitária que os outros meios não oferecem. A televisão e o rádio funcionam como canais de distribuição de informações, sem permitir, ao contrário da Internet, a criação e a participação ativa dos receptores das mensagens na produção e difusão de conteúdo. A interatividade oferecida pela internet se deve justamente à conexão em rede dos computadores. De acordo com Castells:

“Redes são instrumentos para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores públicos; e para uma organização social que vise a suplantação do espaço e invalidação do tempo. Mas a morfologia da rede também é uma fonte de drástica reorganização das relações de poder.” (Castells, 1999, p. 498).

A comunicação em rede ultrapassa barreiras geográficas, constituindo uma sociedade global interconectada, dependente de redes globais. Assim, sua lógica se expande para países ao redor do mundo, espalhando-se através do poder presente nas redes de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia. O que chamamos de globalização pode ser visto como uma forma de descrever esta sociedade em rede, embora de maneira mais

descritiva e menos analítica do que o conceito de sociedade em rede sugere (Castells, 1997). Portanto, de modo simplificado, a sociedade em rede é uma estrutura social que se baseia em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação, alicerçadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores, as quais geram, processam e disseminam informações a partir do conhecimento acumulado nos pontos dessas redes.

As definições sobre redes aplicadas ao campo da tecnologia, especialmente com a chegada da Internet e suas inovações, deram origem a uma vasta gama de ferramentas online, muitas das quais foram direcionadas para processos de comunicação. Nos primeiros anos da efetiva interconexão entre computadores, já se podia notar que a Internet promoveu uma forte cultura de colaboração, compartilhamento de dados e fornecimento gratuito de serviços e informações. A criação do sistema “World Wide Web”, ou WWW, desenvolvida pelo Centro Europeu de Pesquisas Nucleares em 1997, (Martino, 2014), possibilitou que qualquer pessoa estivesse conectada à Internet, permitindo que seus perfis, publicações, imagens e músicas, fossem acessíveis virtualmente em qualquer outro computador no mundo conectado à rede.

No Brasil, a internet chegou por volta de 1994-1995, trazendo facilidades para quem tinha condições de obter o serviço (Martino, 2014). Com o passar dos anos, as mídias sociais ganharam destaque, se tornando praticamente universal para a maioria dos cidadãos brasileiros. A partir da década de 2010, foi possível notar que as redes sociais passaram a modificar a maneira como muitos brasileiros se comunicam e interagem, transformando esses meios em novos canais de informação pública, gerando assim o fenômeno digital que marcou a migração dos jornais e revistas físicas para o espaço online. Segundo a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através do módulo de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), em 2023, cerca de 88,0% da população com mais de 10 anos têm acesso à internet.

Já em 2016, ano em que a pesquisa começou, o montante ficou próximo a 66,1%, mostrando assim, um amplo crescimento do consumo de internet em todo o país. Para Castells (1999), essa nova realidade desenvolvida a partir do âmbito digital não se trata apenas de uma virtualidade, mas de uma construção de uma realidade virtual, dado que, o meio digital é um modo concreto de realidade, que influencia diretamente na vida real dos indivíduos. Por sua vez, a web não representou uma nova condição, mas sim uma ampliação da mesma, que potencializa as interações já existentes, permitindo diversas formas de comunicação entre as

peessoas (tanto online quanto offline). A melhoria dessas interações digitais entre os usuários foi o que, gradualmente, possibilitou o desenvolvimento virtual das atuais redes sociais.

O conceito de rede social refere-se a interações sociais que podem ser vistas como relações entre indivíduos, caracterizadas pela flexibilidade de sua configuração e pela dinâmica entre os envolvidos (Martino, 2014). Embora essa ideia seja relativamente antiga nas ciências sociais, ela ganhou destaque à medida que a tecnologia facilitou a formação de redes sociais interconectadas pela internet. Essas redes são definidas pela interação via plataformas digitais, entendidas como ambientes online onde os indivíduos podem se relacionar continuamente, apresentando uma estrutura horizontal sem uma hierarquia rígida (Martino, 2014). Em linhas gerais, essas redes surgem a partir de interesses, temas e valores comuns, mas carecem da força das instituições formais e possuem uma dinâmica interativa própria. Além disso, as redes sociais podem ser comparadas a um banco de grandes arquivos, sendo um fenômeno que está cada vez mais influente em nossa sociedade.

Castells (1999) analisou as interações estabelecidas nas redes sociais, considerando positivo o efeito da comunicação online na intimidade física e na sociabilidade de seus usuários, dissipando as preocupações de que a rede poderia resultar em diminuição da vida social. Segundo o escritor, existem diversos fatos, como o contato com amigos antigos, sejam eles do ambiente de trabalho ou não, da rua ou da vizinhança, através da internet em redes sociais, que atestam o crescimento, a confirmação e a oportunidade de estabelecer novos laços sociais, possibilitado pelo uso da internet. Como já mencionado, as redes sociais proporcionam novas formas de comunicação instantânea e constante, pois se antes a comunicação era feita mediante cartas, depois por telefone e finalmente por e-mails e mensagens de texto. Atualmente, a ligação entre indivíduos se dá por meio de perfis online, em plataformas como Facebook, Instagram, X (Twitter), TikTok, além dos jogos online, sendo habitual que os indivíduos usuários de tais redes sequer se conheceram pessoalmente, onde são intitulados como “amigos virtuais”.

No âmbito institucional, a adoção das redes sociais digitais está em crescente expansão entre as instituições que buscam comunicar informações sobre si mesmas ou interagir com seu público-alvo. A sociedade vive um período marcante, em que o mundo virtual exerce uma influência crescente sobre a realidade. O ambiente digital já não só reflete o mundo real, mas também o transforma e o impacta (Castells, 1999). Estar fora das redes sociais atualmente não é mais uma alternativa viável, tanto para indivíduos quanto para instituições, uma vez que a

falta de presença nesse espaço digital significa estar à margem da sociedade. Em razão destas circunstâncias e dos fatores discutidos no capítulo anterior, é inviável analisar as relações de comunicação social sem considerar e debater os efeitos que o uso contínuo das mídias sociais exerce no contexto político, dado que, os meios de comunicação desempenham um papel crucial no mundo interconectado, se tornando característica marcante da pós-modernidade.

### **3.2 - O uso das redes sociais como ferramenta de representação política.**

"Como a informação e a comunicação circulam basicamente pelo sistema de mídia diversificado, porém, abrangente a prática da política é crescente no sistema da mídia. A liderança é personalizada e formação de imagem é geração de poder. Não que toda política possa ser reduzida a efeitos de mídia ou que valores e interesses sejam indiferentes para os resultados políticos. Mas sejam quais forem os atores políticos e suas preferências, eles existem no jogo do poder praticado através da mídia e por ela, nos vários e cada vez mais diversos sistemas de mídia que incluem as redes de comunicação mediada por computadores." (Castells, 2007, p. 572).

A globalização vem transformando o mundo, principalmente a partir dos métodos inovadores da comunicação e informação, o que acarretou novas formas de pensar e fazer política, compartilhar ideias, reivindicar direitos e manifestar opiniões. A característica multidimensional da internet fez com que cada vez mais estivéssemos interconectados, especialmente com o auxílio dos algoritmos. As redes sociais alcançaram uma posição de poder muito forte, uma vez que passaram a transformar o modo com que as pessoas se informam, comunicam e relacionam (Martino, 2014), impactando assim a democracia e nossa sociedade toda. De acordo com Solano, essa razão se fundamenta pela:

"[...] centralidade cada vez maior da internet, que produz novos padrões de sociabilidade, informação e comportamento político. As formas de organização online e seu impacto radical na democracia, até com efeitos não esperados e muito desconcertantes, como o fenômeno das fake news, boatos virtuais, ou a utilização de Big Data em campanhas eleitorais para influenciar as preferências políticas do eleitor. O próprio padrão cognitivo do eleitor mudou e a opinião parece ganhar cada vez mais status de verdade numa clara dinâmica anti-intelectualista." (Solano, 2019, p. 6).

Dessa forma, as mídias sociais representam um incentivo estratégico tanto para governos quanto para cidadãos, visto que, podem ser utilizadas para promover discussões políticas, a respeito dos valores ideológicos que cada indivíduo julga como correto, carregando a problemática da linha tênue entre informação e opinião. Ou seja, as redes sociais

transformaram-se em um ambiente caracterizado pela polarização e pelo extremismo, onde a livre troca de ideias é frequentemente prejudicada por "ruídos" que, na maioria das vezes, impedem qualquer tipo de diálogo e compreensão. Dentre esses fatores que Solano (2019) cita, sobressai a disseminação de informações falsas, isto é, as Fake News, impulsionada pela tendência que está predominando na internet.

Sendo assim, as redes sociais se tornaram um potente catalisador para a mudança social (mesmo que muitos movimentos sociais não operem transformações), tendo um papel ativo em processos de mobilização da ação coletiva, o que retrata uma ameaça ao progresso da democracia no mundo, dado que a utilização das redes sociais de modo errôneo por alguns indivíduos e movimentos sociais podem fragilizar a democracia ao propagarem discursos de ódio e desinformação (Castells, 2013). Pois, com as redes sociais servindo como meio de potencialização das ações de diversos movimentos políticos organizados pela sociedade civil, às manifestações ocorridas, principalmente depois da série de protestos em diversos países do Oriente Médio e do Norte da África intitulada como “Primavera Árabe” em 2010 e 2011 que abriu caminho para que as Jornadas de junho de 2013 ocorressem, é possível notar uma crise social fomentada pelo uso da política nas redes sociais (Gomes, 2018), reforçando a noção de que as sociedades estão sendo moldadas pela tecnologia, uma vez que, protestos eclodem com base digital e se concretizam ao ultrapassarem as fronteiras do mundo virtual.

A Primavera Árabe foi um período de mobilizações que afetou vários países, recebendo esse nome em referência à Primavera de Praga. Em essência, a Primavera Árabe constituiu uma série de protestos, revoltas e revoluções populares contra regimes autoritários no mundo árabe. Esse movimento, que se iniciou em dezembro de 2010, teve um impacto global como um grito dos países árabes, que buscavam se libertar da opressão e expressavam sua insatisfação com a situação econômica precária que enfrentavam, clamando por democracia (Visentini, 2012). Entre os principais países que participaram desse movimento estavam Egito, Iêmen, Tunísia, Líbia, Marrocos e Síria. Essas manifestações resultaram na queda de diversos líderes autoritários na região e foram amplamente organizadas por meio das redes sociais, como Twitter e Facebook, onde as pessoas trocavam informações, compartilhavam ideias e combinavam locais de encontro para organização dos protestos em oposição aos governos dos países mencionados (Visentini, 2012). Todo movimento apresentou grande semelhança com as mobilizações das Jornadas de Junho, citadas no capítulo anterior, uma vez que ambos os movimentos utilizaram a internet e as redes sociais como seus maiores catalisadores em prol da movimentação social.

De modo geral, com o surgimento dessa ágora virtual, onde a sociedade civil teria a oportunidade de trocar informações e expressar suas insatisfações e aspirações por meio das redes sociais, a Primavera Árabe se transformou no principal canal para a prática política dessas nações. Esse episódio demonstrou que, à medida que a conexão à internet se expande, também aumenta a formação de comunidades virtuais e redes sociais, resultando em "movimentos instantâneos" de protesto que ganham ampla visibilidade no cenário global. Com a hiperconexão<sup>6</sup> (Gomes, 2018) de pessoas às redes, usando-as como ferramenta para criar opiniões sobre inúmeras pautas, devido ao amplo alcance de conteúdo que podem ser achados na internet, o acesso à informação e disseminação de concepções de vertentes distintas (Martino, 2014), podem afetar o campo político, sobretudo, na opinião política associada aos políticos e governos presentes em nosso país.

Tal evento é acarretado pelo uso da internet como arena política, uma vez que se torna um espaço de disputa pela hegemonia ético moral da sociedade. Nesse contexto, a internet e as mídias sociais revelavam um imenso potencial democrático, possibilitando o empoderamento dos cidadãos, o fortalecimento de laços de solidariedade e a criação de um novo espaço para deliberações. Justamente a partir de articulações através das redes que o espaço digital ultrapassou a linha do que é opinião e notícia, uma vez que, em tese, não sofrem intervenções das mídias tradicionais, consideradas principalmente tendenciosas para os grupos da extrema direita na viralização contínua da informação. Dessa forma, as redes sociais têm a capacidade de influenciar nas atividades políticas dos indivíduos, sobretudo nas épocas das campanhas eleitorais, em que diversas estratégias são elaboradas para eleger os candidatos. Segundo Luís Sá Martino:

“As mídias digitais tornaram-se um instrumento fundamental na sedimentação das relações entre essas instâncias e a sociedade. As campanhas políticas via internet tornaram-se parte das disputas eleitorais, com o uso de todo tipo de estratégia, da criação de perfis de candidatos nas redes digitais até a divulgação de propostas em blogs de partidos e de políticos” (Martino, 2014, p. 86).

Essa participação em rede emerge em diversas ideologias e motivações, resultantes de uma crise democrática e da falta de representatividade política. De acordo com Castells (2018), os partidos políticos são os principais responsáveis por essa "crise", pois buscam seus próprios interesses, manipulando eleições por meio de recursos financeiros e da influência dos

---

<sup>6</sup> Segundo Wilson Gomes (2018), hiperconexão é um estado em que os indivíduos têm sempre à mão um aparelho que geralmente não é desligado nem desconectado da rede.

meios de comunicação. Entretanto, ele também reconhece que a comunicação em rede proporciona novas formas de debate e organização autônoma no ambiente online, ajudando a revitalizar a democracia ao criticar instituições, partidos e políticos corruptos. Contudo, a percepção de que as redes sociais possibilitaram que pessoas se expressassem e produzissem conteúdos (Martino, 2014), ocasionando no fenômeno da aparição de candidatos que usam tais mídias como base em suas carreiras políticas. Alguns influenciadores digitais, a princípio, também utilizam da mesma estratégia, dado que geralmente já estão ligados a alguma ideologia política, conseguindo produzir movimentos que engajam pessoas para os seguirem e consequentemente, votarem neles, fomentando sua base eleitoral.

Um exemplo bem-sucedido que emprega tal fato apresentado são os atuais candidatos brasileiros, em especial os das direitas. Dessa maneira, as personalidades políticas usam as redes sociais para fazer campanha eleitoral, aproximando eleitores e persuadindo possíveis votantes, exercendo assim, grande impacto na opinião pública a respeito da política brasileira, em prol de um possível engajamento por parte da população que os acompanha. Esse aspecto demonstra uma nítida crise na democracia, que ficou ainda mais evidente após as articulações políticas de 2013 (Avritzer, 2019), que resultou em um engajamento e mobilização por parte dos cidadãos, que foram movidos primeiramente pela indignação e insatisfação com o sistema político vigente do período. No entanto, com o passar do tempo, tal público demonstrou total simpatia e até semelhança com as faces da “nova” direita extremista (Cardoso, 2020), dado que se antes existia um receio entre os partidos políticos de direita para se definirem como tal, hoje com os avanços nos discursos, pautas e manifestações, suplantaram em uma nova extrema direita, caracterizada pelo orgulho de pertencer a tal posicionamento.

Sendo assim, é admissível elaborar que através do uso das redes sociais como estratégia política, é possível construir e organizar as faces dos novos políticos da extrema direita no Brasil, admitindo que esse fenômeno seria uma consequência da combinação de aspectos comportamentais e institucionais, gerado pelas atitudes do eleitorado e dos dirigentes partidários. A partir da singularidade presente na democracia brasileira, é possível ressaltar o grande número de personalidades políticas eleitas “criadas” através das redes sociais, principalmente sob orientação das direitas. Essa circunstância só foi possível através de fortes estratégias digitais, conectadas ao marketing e engajamento digital dos candidatos.

### *3.2.1 - Estratégia Digital e Marketing Político*

Atualmente, é notável que cada vez mais associações, sindicatos, partidos e personalidades políticas procuram apoiar suas campanhas por meio de recursos ligados a ferramentas digitais. As mídias sociais conseguiram ampliar os espaços de interatividade da comunicação na política (Martino, 2014), que antes só era feito no processo eleitoral, exigindo do candidato uma postura dialógica, construindo assim uma nova matriz na sociedade, baseada no espaço digital. Nas campanhas eleitorais, as redes sociais, diferentemente dos outros meios de comunicação como televisão, rádio e jornais, possuem uma comunicação integrada e interativa, baseada no feedback direto entre os atores e seus respectivos seguidores. As redes sociais de um político são equivalentes a um cartão de apresentação, sendo também um palanque virtual, que proporciona a esses atores a disseminação de ideias a qualquer hora do dia. Essas interações nas plataformas, reforçam as preferências já constituídas de cada usuário, entretanto, tal espaço comunicacional tem colaborado no aumento da crise política no país, em especial ao engajarem mentalidades de extrema-direita, que usam desses espaços para destilar ódio nas mídias sociais. De acordo com Leonardo Avritzer:

“A crise política começou com um forte movimento jurídico midiático contra o Partido dos Trabalhadores, que implicou tanto condenações jurídicas quanto forte crítica midiática, e acabou não mais restrita a concentração no Partido dos Trabalhadores - que teve uma presidente afastada e um candidato a presidente na primeira posição nas pesquisas impedido de concorrer às eleições, atingindo o sistema político como um todo” (Avritzer, 2019, p. 150).

A partir de tal fato, é inegável a participação das redes sociais nos últimos relevantes cenários políticos do Brasil, uma vez que foram centrais para que o movimento de impeachment contra a ex-presidente Dilma ocorresse em 2016. Assim como demonstraram grande potência durante a década, ao serem utilizadas como principal meio do marketing para ascensão de partidos e candidatos nas últimas eleições do país. Pois, essas maneiras de divulgação, aliadas à predominância da tecnologia, oferecem ferramentas inovadoras aproveitadas para estratégias políticas e marketing digital.

A partir do advento da internet e seu incessante desenvolvimento, transformações profundas foram ocasionadas ao meio social, tornando imprescindível a presença da política no ambiente virtual. Essa afirmação é fundamentada na ideia de que a Internet trouxe conceitos revolucionários para o marketing, como a mudança de paradigma, onde agora os eleitores buscam e interagem com personalidades políticas, em que essa comunicação de massa (Castells, 1999) trouxe outro fator ao jogo político no que se refere a visibilidade para



esses partidos e atores políticos. Isto é, tal uso constante das mídias sociais como espaço político acarreta dimensões estratégicas do marketing e da comunicação política, ligadas à disputa por visibilidade pública. Pode-se afirmar que o marketing tradicional é a conexão de interesses entre o consumidor e o vendedor, oferecendo uma dualidade que une a satisfação e o desejo de adquirir do consumidor.

“Marketing é um processo social pelo qual indivíduos e grupos obtêm o que necessitam e desejam por meio da criação, da oferta e da livre troca de produtos de valor entre si. Do ponto de vista gerencial, muitas vezes o marketing é descrito como “a arte de vender produtos”, mas muitos se surpreendem ao ouvir que a parte mais importante do marketing não é vender! As vendas são a ponta do iceberg do marketing. Peter Drucker, um dos principais teóricos da administração, apresenta a questão da seguinte maneira: Pode-se considerar que sempre haverá a necessidade de vender. Mas o objetivo do marketing é tornar supérfluo o esforço de venda. O objetivo do marketing é conhecer e entender o cliente tão bem que o produto ou o serviço possa se adequar a ele e se vender sozinho.” (Kotler; Keller, 2012, p. 4).

Já o marketing político acompanha a mesma coerência, alterando apenas a dinâmica entre o produto, que nessa lógica representa os atores políticos, e o cliente, caracterizado pelo eleitor. Ademais, o conceito de marketing abrange uma gama mais extensa de significados do que simplesmente o ato de vender, visto que a venda, por si só, representa apenas uma única interpretação. O marketing caracteriza-se como uma prática de médio e longo prazo, cujo propósito é garantir a maximização dos benefícios alcançados (Muniz, 2004). Essa interação assemelha ainda mais ambos os tipos de marketing, uma vez que eles precisam que seus consumidores\eleitores consumam constantemente de seus conteúdos, no caso político, não apenas durante o período eleitoral, mas também no decorrer do mandato dessas personalidades, caso tais indivíduos queiram ter chances de ganhar uma nova eleição.

Desta maneira, o marketing político consiste basicamente em um conjunto de estratégias e métodos que visam alinhar um candidato ou uma candidata ao seu público eleitoral em potencial, tendo como foco inicial, tornar o candidato conhecido por um número amplo de eleitores, e, posteriormente, destacar as qualidades que o diferenciam de seus concorrentes (Muniz, 2004), que no caso da extrema direita apela, principalmente, para a moral e os bons costumes da família tradicional. Este campo aplica estratégias de comunicação e técnicas do marketing convencional para ganhar aceitação e o apoio da população, usando o sentimentalismo como uma de suas bases. O objetivo é criar uma imagem robusta do candidato que transmita empatia e aprovação, devendo refletir diretamente

no aumento de sua popularidade e ganhando seguidores, para que assim seja construída uma imagem duradoura do indivíduo (Muniz, 2004).

### *3.2.2 – Estratégias de Marketing da extrema direita conservadora brasileira.*

O marketing político visa aprimorar a qualidade das campanhas eleitorais, em que são utilizadas táticas para maximizar o mais rápido possível a imagem do candidato em um prazo curto de tempo, para que ele possua o maior número de votos e cumpra seus objetivos. As estratégias de marketing não possuem o intuito de transformar os atores políticos em meros fantoches controlados por uma equipe de assessores, mas sim aplicar um conjunto de métodos e técnicas que otimizem a utilização dos recursos durante uma campanha eleitoral (Muniz, 2004). Contudo, de acordo com essa perspectiva, qualquer pessoa, desde que tenha os recursos financeiros adequados e seja assessorada por "especialistas" na área, poderia se eleger, mesmo que careça de ideias ou motivações que realmente reflitam a representação política. A partir de tal ideia, um questionamento surge, será essa a característica fundamental que predomina as novas faces da extrema direita conservadora no Brasil?

As mídias sociais nos oferecem uma visão mais ampla sobre a atual situação dos políticos brasileiros, uma vez que certa parcela do colegiado se encaixa perfeitamente no padrão citado, principalmente ao analisarmos os números de seguidores que tais personalidades possuem. Tal aspecto é essencial para análise, pois é um dos indicadores que nos ajuda a avaliar o nível de influência de personalidades específicas na política (Castells, 2017). Ter muitos seguidores não só aponta que o conteúdo de um usuário alcança diretamente aqueles que o seguem, mas também permite que seus posts sejam compartilhados. Esse engajamento faz com que o conteúdo chegue até usuários que, a princípio, não seguem o perfil desses atores políticos, que fizeram a postagem, fato que é questionável, uma vez que, a função do algoritmo nas redes sociais é filtrar e recomendar o que cada usuário mais gosta de consumir (Kaufman; Santaella, 2020). Em muitos dos casos, o grande alcance das postagens acontece mediante propagandas pagas possibilitadas pelas próprias ferramentas das redes sociais e pelo algoritmo de tais mídias. Segundo uma pesquisa realizada pela própria equipe do X (antigo Twitter) no ano de 2021, revelou que os algoritmos da plataforma, tendem a favorecer o destaque de conteúdos divulgados por políticos e meios de comunicação alinhados às direitas, isto é, a ferramenta impulsiona as postagens dos políticos direitistas na maioria dos países analisados no estudo.

Em síntese, ao examinarmos as figuras da extrema direita, nota-se que a fama dessas personalidades nem sempre está atrelada às suas ações no cenário político, dado que, existem políticos que passaram a atuar no campo governamental, após se tornarem subcelebridades na mídia, assim como há casos em que figuras políticas se transformam em ícones da fama através das famosas “mitadas”<sup>7</sup>, além de outros que entraram na política com o respaldo oriundo do setor religioso. Partindo dessa ideia, utilizarei como exemplo, os casos de: Jair Bolsonaro (PL), Nikolas Ferreira (PL) e Lucas Pavanato (PL), que além de participarem do mesmo partido, possuem estratégias de marketing semelhantes, dado que, possuem características da direita radical populistas (Mudde, 2020).

Dessa forma, a escolha de tais personalidades se justifica por representarem, em distintos níveis, a consolidação e a renovação da atual extrema-direita brasileira, para assim montar um panorama representativo, principalmente no que se refere à comunicação política, ao populismo digital e à mobilização nas redes sociais. Ademais, atores como Bolsonaro, Nikolas Ferreira e Pavanato, compartilham de estratégias semelhantes de comunicação, marcadas pelo uso intenso das redes sociais, linguagem acessível, apelo ao conservadorismo cristão e práticas discursivas baseadas na polarização ideológica. Ao investigar os três políticos podemos compreender como a direita extremista brasileira se articula e produz seu marketing digital com o objetivo de terem notoriedade no cenário político institucional.

**Quadro 1 – Quantitativo de seguidores da tríade PL**

<b>TRÍADE PARTIDO LIBERAL</b>			
<b>PERSONALIDADES</b>	<b>CARGOS</b>	<b>SEGUIDORES (INSTAGRAM)</b>	<b>SEGUIDORES (X/TWITTER)</b>
<b>JAIR BOLSONARO</b>	Ex-Presidente da República (2019 - 2022)	26,3 MILHÕES	13,8 MILHÕES
<b>LUCAS PAVANATO</b>	Vereador da Cidade de São Paulo (2025- Atual)	1,7 MILHÕES	209,3 MIL
<b>NIKOLAS FERREIRA</b>	Deputado Federal pelo Estado de Minas Gerais (2023- Atual)	17,1 MILHÕES	4,8 MILHÕES

<sup>7</sup> Atitudes consideradas impressionantes, corajosa, inteligente e até engraçadas.

Elaboração própria. Fonte: Redes sociais das personalidades (2025).

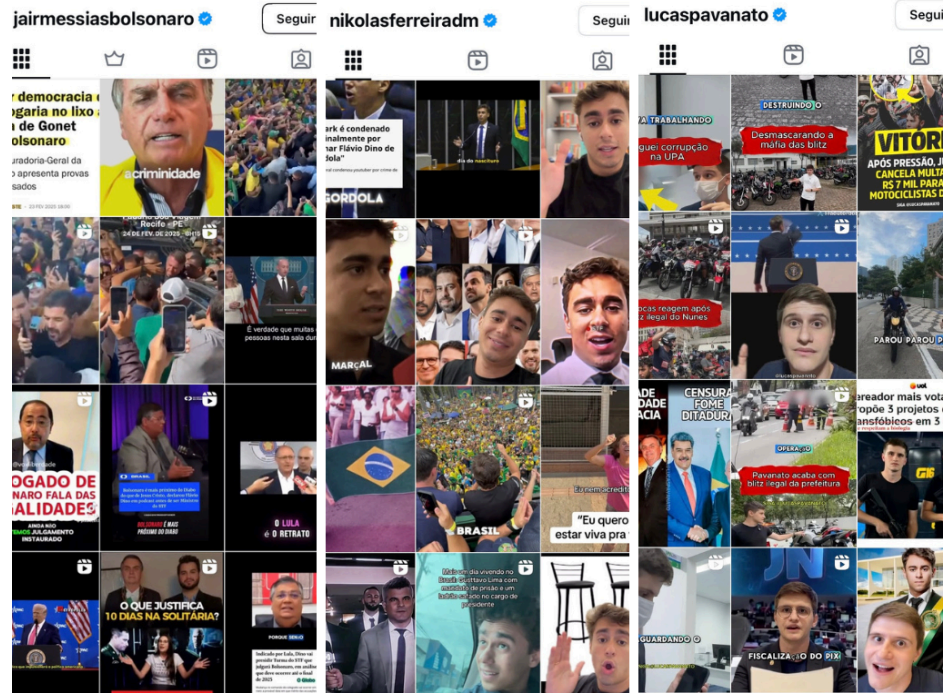


Figura 1 – Semelhança de conteúdo – Feed Instagram

Fonte: Redes sociais das personalidades (2025).



Figura 2 – Semelhança de conteúdo – Patriotas Americanos

Fonte: Redes sociais das personalidades (2025).

Com base nas imagens, é evidente a similaridade entre as personalidades discutidas. Apesar de possuírem cargos, idades e números de seguidores distintos, suas formas de se comunicar e de atuar na política apresentam semelhanças marcantes. Dessa forma, as

estratégias empregadas nas redes sociais por esses representantes do conservadorismo brasileiro são idênticas, tanto no Instagram quanto no X (antigo Twitter), apenas adaptando às particularidades e limitações que cada plataforma possui. Tais mídias sociais analisadas, revelaram uma simetria significativa; estando entre as principais similaridades as manchetes apelativas e sensacionalistas, frequentemente sustentadas por informações falsas (*Fake News*) ou descontextualizadas (Caldeira, 2020) além de idolatria aos Estados Unidos, fato que é controverso, posto que, eles trazem em suas pautas e slogans, o nacionalismo e o forte amor à pátria. Outra estratégia utilizada por tais personalidades é os conteúdos audiovisuais altamente produzidos, edits<sup>8</sup> com trechos de falas em podcasts abordando polêmicas dirigidas à oposição, isto é, à esquerda, apresentada como ignorante e desprovida de inteligência.

Além das estratégias já mencionadas, outro elemento que os aproxima é a criação de um inimigo comum (Solano, 2019), conforme já discutido no capítulo anterior. No cenário atual do país, para essas personalidades, esse antagonista seria o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Contudo, eles também têm outros oponentes em sua mira, como o atual Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes, além dos(a) deputados(a) federais: Érika Hilton (PSOL), Guilherme Boulos (PSOL) e Sâmia Bomfim (PSOL). A Primeira-Dama, Janja Lula da Silva, também é alvo de seus ataques, onde assim como as outras personalidades políticas citadas, também é frequentemente, ironizada, ridicularizada e demonizada por suas ações e falas.

Essas estratégias também foram e continuam sendo empregadas por diversas personalidades e perfis de movimentos sociais. No entanto, assim como tiveram crescimento nas redes sociais, suas influências também sofreram declínio, após série de transgressões por parte desses indivíduos. Os casos mais notáveis foram os do ex-vereador Gabriel Monteiro (PL) e do ex-deputado estadual Arthur do Val (conhecido como Mamãe falei), do União Brasil. Ambos produziam vídeos desafiando cidadãos envolvidos com questões polêmicas como comunismo, cotas raciais, segurança pública, população LGBTQIAP+ e feminismo, sendo este último o tema que gerava mais visualizações, com manchetes sensacionalistas como: “Humilhando feministas” ou “Acabando com feministas na rua”, entre outros.

Essa participação no ambiente virtual se revela como algo bastante concreto, não porque o virtual não seja real, mas por provocar impactos, desdobramentos e consequências na sociedade (Gomes, 2018), uma vez que as plataformas são apenas ferramentas. A partir das

---

<sup>8</sup> Edição de vídeos ou imagens criadas por usuários e compartilhadas principalmente nas redes sociais.

mídias sociais, personalidades políticas criam estratégias políticas e elaborarem narrativas que muitas vezes propagam desinformação em prol de engajamento nas redes que geram a uma eleição ou reeleição em cargos políticos. O alto compartilhamento de desinformação por parte de atores políticos têm um grande custo-benefício (Sober, 1994), para as redes dos próprios, dado que, seu público-alvo tende a ser mais crédulo as informações contidas nas postagens, tendenciando a prevalência da desinformação e misinformação no campo político. Portanto, fica notório que as ações dos indivíduos modificam estruturas e impulsionam movimentos reais pelas vias virtuais (Martino, 2014) e o Movimento Brasil Livre (MBL) é a personificação ideal para compreendermos a dimensão da forte influência das redes sociais sobre a política.

## **4 DAS MOBILIZAÇÕES NAS MÍDIAS SOCIAIS AO PODER: O CASO DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE**

O Movimento Brasil Livre (MBL) se auto apresenta nas redes sociais como entidade dedicada a impulsionar o liberalismo como a filosofia política que deve nortear a ação do Estado no Brasil (MBL, 2025). Para isso, o grupo defende a liberdade individual, a propriedade privada e o Estado de Direito como pilares essenciais para uma sociedade livre, próspera e justa. Com base em seus valores e princípios, o MBL possui a intenção de desenvolver uma atuação que seja ao mesmo tempo coerente e pragmática, alinhada com a realidade política, econômica, social e cultural do país.

Dessa forma, o coletivo apoia a divisão de poderes, a realização de eleições livres e idôneas, a eliminação de apoios financeiros diretos e indiretos a regimes autoritários, destacando Cuba e Venezuela como exemplos, além de possuir como base o liberalismo e republicanism em suas concepções de “sociedade perfeita”. Eles também enfatizam constantemente tópicos como reforma trabalhista, adequação fiscal e a diminuição da maioria penal, atendendo assim à agenda neoliberal em que o movimento está inserido. No site oficial do MBL, é possível identificar toda estrutura e organização interna do coletivo, mostrando como o grupo também atua como um think tank<sup>9</sup>, voltado à produção de conteúdo ideológico e à capacitação de novos integrantes, em moldes semelhantes ao movimento Estudantes Pela Liberdade (EPL), que será explorado na seção seguinte.

Contudo, após o exposto, se faz necessário entender aspectos como o contexto histórico, mobilizações sociais a favor do impeachment e o uso das redes sociais como meio de manifestação política, para assim obtermos uma análise mais precisa acerca da hipótese de que o Movimento Brasil Livre é um resultado da forte ligação existente entre política e redes sociais. Dito isto, dentre as temáticas que serão discutidas durante o capítulo, estão: o contexto de criação do MBL, o papel das mídias sociais como meio para mobilização social dentro e fora das redes, ascensão, principais membros, e por fim atualizações sobre o coletivo.

### **4.1 – Contextualização da emergência do movimento**

As identidades e culturas locais estão passando por profundas transformações devido ao funcionamento do capitalismo, resultando em uma maior fragmentação e transitoriedade,

---

<sup>9</sup> São instituições, muitas vezes independentes, que desempenham um papel de advocacy para políticas públicas, possuindo a capacidade de explicar, mobilizar e articular diferentes atores no meio político.

alinhando ao ritmo das incessantes e rápidas transformações e exigências da sociedade globalizada. Esta sociedade é segmentada em subperiférias do capitalismo, orbitando em torno do núcleo de exploração neoliberal que se concentra nos Estados Unidos (EUA). O neoliberalismo é imposto a países periféricos e semiperiféricos do capitalismo, como o Brasil, ocasionando diversas mudanças sociais, políticas e econômicas no país (Santos, 2011). É justamente dentro desse contexto de avanço do neoliberalismo que a internet se mostra como ferramenta que intensifica transformações sociais, na qual a fragmentação da realidade social é uma característica notável, uma vez que é marcada pela multiplicidade de discursos, onde experiências, visões de mundo e informações se tornam cada vez mais fragmentados entre grupos e indivíduos. Diante dessa realidade, surgem novos tipos de movimentos sociais, moldados pelo contexto da globalização e inseridos na sociedade em rede.

As mídias sociais tornam-se de grande importância para comunicação, articulação e mobilização de movimentos políticos. Segundo Castells (2017), quanto mais ágil e interativa for a comunicação, maior será a chance de se gerar um processo de ação coletiva que se baseia na indignação, impulsionado pelo entusiasmo e alimentado pela esperança. Isso significa que os movimentos sociais organizados em rede se diferenciam dos tradicionais, especialmente na maneira de convocar e organizar as pessoas, indo além das plataformas digitais, utilizando-as para compartilhar e disseminar rapidamente ideias, objetivos, imagens, significados simbólicos e pautas, além de facilitar no engajamento para mobilização de pessoas a irem para as manifestações nas ruas (Castells, 2017). Desse modo, diferentes grupos online se transformaram em movimentos sociais de atuação nacional (Gomes, 2018), sendo o Movimento Brasil Livre um exemplo bem-sucedido desta mobilização nas redes sociais.

Contudo, antes de explorar o processo de fundação do MBL é necessário entender o grupo que serviu como inspiração para sua criação. O movimento Estudantes pela Liberdade (EPL) é ligado à rede *Students for Liberty*<sup>10</sup> que, não coincidentemente, são parceiras, sendo financiadas pelo Atlas Network<sup>11</sup> (Cardoso, 2020), organização promotora de think tanks liberais pelo mundo. A Atlas Network busca fomentar a criação de lideranças liberais juvenis para influir nas políticas locais de seus países (Amaral, 2015). Embora a *Students for Liberty* tenha surgido nos EUA em 2008, ela logo se tornou uma organização mundial, dado que conta com cerca de 50 sedes espalhadas em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, o que

<sup>10</sup> Organização internacional libertária sem fins lucrativos, que tem como missão educar, desenvolver e capacitar a próxima geração de líderes pela liberdade.

<sup>11</sup> Organização sem fins lucrativos que apoiam uma rede global de organizações de livre mercado, com foco em fortalecer movimentos que trabalham pela liberdade.



possibilitou o florescimento e amadurecimento de pautas e nichos neoliberais (Miranda, 2022). O Deputado Federal Kim Kataguiri, um dos criadores e expoentes do MBL, fez parte do EPL, sendo considerado um dos principais líderes do EPL no Brasil. Em seu site<sup>12</sup>, a EPL se apresenta como uma rede em expansão de estudantes defensores da liberdade.

Os membros das instituições vinculadas a *Students for Liberty*, recebem treinamentos rigorosos para serem altamente capacitados, com o intuito de demonstrar um profundo entendimento dos princípios do liberalismo. Eles se articulam de maneira direta e eficiente, seguindo uma lógica econômica e filosófica, isto é, o liberalismo, que sustenta suas crenças, priorizando essas convicções em relação às alianças e compromissos partidários. A rede promove diálogos sobre como fomentar a liberdade em diversas áreas da vida. No Brasil, o movimento buscou aprofundar seu relacionamento com a sociedade brasileira. No entanto, manteve a princípio, certa distância do cenário político-partidário nacional. Dessa forma, a EPL foi a matriz do MBL (Cardoso, 2020), estreitando assim os laços com o país, utilizando a indignação da população com a situação do país e o escândalo de corrupção associado ao Partido dos Trabalhadores (PT), estabelecendo-o como seu principal adversário político.

O impacto das Jornadas de Junho de 2013 deixou uma marca profunda na trajetória do Brasil. Este período foi caracterizado por intensas mobilizações sociais, se revelando como um catalisador de novas oportunidades políticas para grupos de diversos matizes ideológicos. Essa energia mobilizadora que pulsou a partir das manifestações de junho destacou não apenas a ampla gama de formas de protesto, mas também a vulnerabilidade política do Estado (Cardoso, 2020). Durante aquele ano, surgiram novos protagonistas e se abriram caminhos para a maior inclusão e participação de diferentes personalidades no cenário político brasileiro. Desde então, é possível notar o ressurgimento de ideologias políticas que estavam, até então, adormecidas. A emergência de novas identidades coletivas resultou na criação e fortalecimento de movimentos sociais com pautas direcionadas à política liberal e conservadora. Foi neste contexto que o MBL surgiu, uma vez que, muitos de seus membros e simpatizantes participaram das mobilizações. Segundo Cardoso (2020), esse fato se deu pois:

Como a Atlas recebe recursos de diversas fundações cujos fundos são compostos por isenções fiscais, e a Atlas patrocina o EPL, os membros do grupo viram-se impossibilitados de participar como grupo organizado nas mobilizações de junho de 2013. Foi por isso que criaram a marca MBL que, a princípio, não foi pensada como uma organização formalizada, mas apenas como um nome

---

<sup>12</sup> Site oficial: <https://mbl.org.br/>

fantasia para permitir a atuação política dos estudantes do EPL. (Cardoso, 2020, p. 84).

Foi somente em 1º de novembro de 2014 que o MBL foi formalmente estabelecido, mesmo que em 2013 já se tenha comentários sobre o mesmo. Sendo assim, o Movimento Brasil Livre eclodiu coincidentemente após a reeleição da ex-presidente Dilma Rousseff, o que intensificou a indignação política dos integrantes do movimento, sendo o estopim para seu surgimento. Segundo Rocha (2019), após as manifestações de junho de 2013, a popularidade de Dilma Rousseff sofreu queda significativa, e as correntes de direita começaram a ganhar mais seguidores e simpatizantes, com o MBL sendo o primeiro desses grupos. O ano de 2014 ficou marcado pelo surgimento de vários importantes grupos de direita, que surgiram como reação à reeleição de Rousseff, acarretando grandes protestos a favor do impeachment em todo o país (Cancian, 2019).

O MBL se apresentava como defensor do liberalismo e do republicanismo político, proclamando-se apertidário até aquele momento, embora fosse evidente que, a princípio, a ideologia do movimento se assemelhava à da rede *Students for Liberty*. Na prática, seu posicionamento era distinto, posto que em muitas oportunidades o coletivo se posicionou partidariamente e influenciou seus seguidores a agirem da mesma forma, sendo esse o fator fundamental para a EPL não compartilhar das pautas e decisões do grupo, mesmo que seja a detentora dele, tornando o MBL um movimento independente (Miranda, 2021). Entre os fundadores do movimento estão os gaúchos Anthony Ling e Fábio Ostemann, o mineiro Juliano Torres, o pernambucano Felipe França e os paulistas Renan Santos e o já mencionado, Kim Kataguir (Amaral, 2015). Esses e outros indivíduos que integrariam no movimento mais à frente foram os principais arquitetos dos discursos disseminados nas mídias sociais contra a corrupção, as políticas sociais e o governo petista, como ficou evidente nas seções seguintes.

#### **4. 2 - Das ruas ao Congresso Nacional: a ascensão do Movimento Brasil Livre**

A partir de 2015, o MBL passou a se mobilizar de forma mais intensa, organizando uma série de manifestações em apoio ao impeachment da presidente Dilma Rousseff (Cardoso, 2020). A influência e o domínio que esse grupo exercia nas redes sociais ficou evidente, pois conseguiram mobilizar milhares de pessoas para as ruas em todo o país. Os atos

ocorreram em diversas datas ao longo dos anos de 2015 e 2016, logrando grande participação popular em várias cidades do Brasil (Miranda, 2021).

**Quadro 2 – Lista de Mobilizações em apoio ao impeachment**

<b>MOBILIZAÇÕES EM APOIO AO IMPEACHMENT</b>			
<b>DATAS</b>	<b>LOCAIS</b>	<b>CONVOCAÇÃO</b>	<b>PARTICIPANTES (DATAFOLHA)</b>
<b>1 DE NOVEMBRO 2014</b>	Cerca de 27 Cidades do país	0 posts Via Facebook	Cerca de 3.000 pessoas na cidade de São Paulo
<b>15 DE NOVEMBRO 2014</b>	Cerca de 24 cidades do país	16 posts Via Facebook	Cerca de 6.000 pessoas na cidade de São Paulo
<b>6 DE DEZEMBRO 2014</b>	Cerca de 16 cidades do país	36 posts Via Facebook	Cerca de 2.000 pessoas na cidade de São Paulo
<b>15 DE MARÇO 2015</b>	Cerca de 125 cidades do país	137 posts Via Facebook	Cerca de 210 mil pessoas na cidade de São Paulo
<b>12 DE ABRIL 2015</b>	Cerca de 195 cidades do país	156 posts Via Facebook	Cerca de 100 mil pessoas na cidade de São Paulo
<b>16 DE AGOSTO 2015</b>	Cerca de 205 cidades do país	174 posts Via Facebook	Cerca de 135 mil pessoas na cidade de São Paulo
<b>13 DE DEZEMBRO 2015</b>	Cerca de 87 cidades do país	96 posts Via Facebook	Cerca de 40,3 mil pessoas na cidade de São Paulo
<b>13 DE MARÇO 2016</b>	Cerca de 250 cidades do país	477 posts Via Facebook	Cerca de 500 mil pessoas na cidade de São Paulo

**Elaboração própria. Fonte:** DataFolha e Redes sociais do MBL (2025).

Toda essa atuação no movimento pelo impeachment foi retratada no documentário “Não vai ter golpe” produzido pelo MBL em 2019, na qual apresenta toda trajetória que levou ao impeachment a partir do ponto de vista do MBL. Durante o período das manifestações, também se juntaram à coordenação do movimento, Fernando Holiday (que seria eleito vereador na cidade São Paulo em 2016), Arthur do Val também conhecido como Mamãe Falei (que seria eleito em 2018 como deputado estadual em São Paulo), e o já mencionado anteriormente, Lucas Pavanato (atual vereador da cidade de São Paulo) (Cancian, 2019).

O Movimento Brasil Livre provocou uma transformação significativa na sociedade brasileira, ao levar a atividade política para as ruas de várias cidades do país, independentemente de seu tamanho (Miranda, 2021).



**Figura 3** – Mobilizações em favor ao impeachment

**Fonte:** Facebook MBL (2015).

A seguintes imagens retratam a força e estabelecimento de um novo meio de comunicação e organização política. Assim, o MBL conseguiu expandir suas discussões além do espaço digital, utilizando o antipetismo e o liberalismo econômico como fundamento para a elaboração de propostas de forte apelo social. A maior parte dos apoiadores do movimento era formada por jovens da sociedade civil, que se uniram ao grupo tanto no ambiente virtual quanto nas mobilizações de rua já mencionadas.



**Figura 4** – Narrativas pautadas em um inimigo comum

**Fonte:** Facebook MBL (2018).

Dessa maneira, ao apresentarem narrativas pautadas pelo antipetismo, marcado por questões de classe, anti-igualitarismo e a anticorrupção, o MBL teve o potencial de entusiasmar e inflamar seu público para comparecer às mobilizações (Solano, 2019). Logo, o Movimento Brasil Livre conseguiu de fato ascender-se socialmente, possuindo um papel de destaque para mudança no cenário político e social no país, visto que, lideraram as manifestações pró impeachment no país, que ocasionou na saída da presidente Dilma Rousseff, uma de suas principais oponentes.

Com essa conquista de espaço no campo social e político, o MBL iniciou sua campanha para consolidar sua posição como instituição. Mediante isso, o primeiro dos atos aconteceu no ano de 2016, em que o movimento começou a modificar suas abordagens, especialmente após a destituição da presidente Dilma Rousseff (PT) e a ascensão de Michel Temer (MDB) à presidência do Brasil. Essa mudança se deve às mudanças promovidas pelo governo Temer que, propôs focar em políticas mais neoliberais e em um Estado com intervenção mínima. O grupo também passou a se distanciar do EPL ou de qualquer organização e mobilização que se opusesse ao novo presidente da República (Solano, 2017).

A partir da substituição presidencial, torna-se evidente a verdadeira motivação por trás desses movimentos da nova direita, dado que, mesmo com Temer envolvido em casos de corrupção (uma pauta fundamental do coletivo), grupos como o MBL e outros agrupamentos vinculados às direitas, não foram às ruas para protestar, nem incitaram seus apoiadores a atuar contra ele (Solano, 2017). Isso significa que nessa fase o MBL já não era apartidário, como se consideravam em seu manifesto, já que se comportavam como qualquer outro movimento declaradamente de direita no país, com muitas das suas lideranças filiadas a partidos políticos.

Ainda em 2016, o MBL posicionou-se oficialmente como movimento ligado ao campo da direita brasileira, formando parcerias com partidos da bancada ruralista e evangélica no Congresso nacional, especialmente os de centro-direita, como o Democratas (DEM). O objetivo dessa filiação era eleger alguns de seus coordenadores para cargos municipais durante as eleições do mesmo ano, enquanto também aumentava sua presença nas redes sociais, se apresentando como defensores das causas conservadoras e liberais (Miranda, 2021). Durante as eleições municipais de 2016, o MBL obteve sucesso ao eleger 8 dos 45 candidatos que apoiou, estando entre eles seu coordenador, Fernando Holiday, que conquistou o cargo de vereador na cidade de São Paulo, se tornando o vereador mais jovem do município.

Após a eleição, que destacou uma expressiva quantidade de votos em favor de um de seus principais líderes, ficou evidente a influência que o MBL já possuía nesse período. Outra estratégia que o coletivo utilizou para manter sua atuação no cenário político ultradireitista (Miranda, 2021) foi o seu alinhamento à candidatura de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018. Inclusive tanto o MBL quanto Bolsonaro utilizam de técnicas e estratégias semelhantes para gerar engajamento, como a de eleger um inimigo comum e a proliferação de informações falsas. Para Solano (2019), a campanha presidencial de 2018:

“Construiu o simbolismo de que as esquerdas seriam uma categoria polissêmica que abrangia ativistas pelos direitos humanos, professores e manifestantes. Em grupos de WhatsApp, em conversas entre bolsonaristas e nas próprias redes sociais do MBL ou do Bolsonaro era muito recorrente ler ou escutar que esses grupos seriam um —bando de vagabundos, que —mamam das tetas do Estado e —querem direitos para bandidos, na lógica binária do cidadão de bem, que se encaixa nos padrões conservadores e meritocráticos, e o bandido, todo aquele que se opõe a essa figura.” (Solano, 2019, p.17).

A campanha presidencial de Bolsonaro em 2018 se baseou no uso intenso das mídias sociais e na disseminação de *Fake News*. Esses métodos digitais, o Movimento Brasil Livre sabe utilizar e executar com excelência. Na seção seguinte ficará mais evidente como tal grupo se articulou durante as mobilizações.

#### **4.3 – A utilização das redes sociais como meio de manifestação política**

Os movimentos sociais modernos têm atuado de novas formas, sendo indispensável pensar acerca das relações de engajamento e mobilização por meio da internet, em especial das mídias sociais, uma vez que, se tornaram um canal fundamental para comunicação, dado que os internautas podem se comunicar e interagir (Castells, 2017). O MBL é um movimento que soube aproveitar das inovações tecnológicas no meio digital, sobretudo durante as mobilizações de 2016 contra o PT e a corrupção em todo país. Com toda representatividade política exercida pelo coletivo, eles logo ganharam grande força e popularidade, principalmente nas redes sociais, em especial no Facebook. O coletivo ultrapassa a marca de mais de 2,9 milhões de seguidores nesta rede social. Abaixo segue um quadro demonstrativo do quantitativo de seguidores que os perfis digitais do MBL atualmente possuem:

**Quadro 3 – Quantitativo de Seguidores nas Redes Sociais**

<b>MBL NAS REDES SOCIAIS</b>		
<b>REDE SOCIAL</b>	<b>SEGUIDORES</b>	<b>POSTS</b>
<b>FACEBOOK</b>	2,9 MILHÕES DE SEGUIDORES	MÉDIA DE 1 A 2 POSTAGENS POR DIA
<b>INSTAGRAM</b>	848 MIL SEGUIDORES	MÉDIA DE 3 A 4 POSTAGENS POR DIA
<b>X (TWITTER)</b>	541,4 MIL SEGUIDORES	MÉDIA DE 8 A 9 POSTAGENS POR DIA

**Elaboração própria. Fonte:** Redes sociais MBL (2025).

A partir da história e de tais números do MBL, é notório que todo processo de engajamento e ascensão só foi possível por causa da Web 2.0, que gerou uma transformação profunda na forma como a internet passou a ser usada, uma vez que, diferente da Web 1.0, este novo modelo de web passa a ser mais dinâmico, caracterizado por ativas modificações através das interações entre os usuários (Martino, 2014). Desse modo, a Web 2.0 tirou o foco de uma rede centrada no consumo passivo de informações, passando a ser um ambiente totalmente comunicacional e de produção constante de conteúdo, intensificado ainda mais pela disseminação dos smartphones, que facilitam e democratizaram o uso consecutivo da internet (Martino, 2014) e das mídias sociais, como Facebook, Twitter e Instagram. A partir desse contexto, a política passou por impactos de caráter ideológico, dado que discursos políticos se moldaram ao formato digital, o que possibilitou a entrega de conteúdos simples e eficazes, carregados de conotação emocional com forte apelo à polarização política, visto que, o ambiente promove disputas de narrativas. De modo geral, a Web 2.0 redefiniu o campo político, abrindo caminho para movimentos como o MBL, que alcançou notoriedade nacional através de suas redes sociais ao organizarem as manifestações a favor do impeachment, não dependendo da grande mídia para conseguir destaque, já que soube utilizar os recursos da Web 2.0 para estruturar sua identidade política, marcada sobretudo pelo antipetismo.

Durante as manifestações em apoio ao impeachment, o MBL se utilizou de várias estratégias de engajamento, sendo a principal delas a produção de materiais digitais para serem compartilhados em suas próprias redes sociais, denunciando questões que consideram inaceitáveis, especialmente quando se tratava de indivíduos abertamente de esquerda (Solano, 2019). Eles também exigiam e pressionavam os representantes do governo a agirem e serem moralmente éticos. Podemos analisar esses elementos ao observarmos os conteúdos produzidos pelo atuais e ex-membros do movimento, em que apresentam semelhanças entre seus vídeos. Os casos de Kim Kataguirí (deputado federal de São Paulo), Guto Zacarias (deputado estadual de São Paulo), Arthur do Val (ex-deputado estadual de São Paulo) e Gabriel Monteiro (ex-vereador do Rio de Janeiro), são exemplificações ideais desse tipo de conteúdo. As redes sociais do MBL, assim como dos indivíduos citados, utilizaram a técnica de comunicação utilizada pelo programa de TV, Custe o Que Custa (CQC)<sup>13</sup>, que consistia em pressionar e constranger aqueles que discordam de suas visões, publicando vídeos, muitas vezes gravados sem o consentimento das pessoas nas mídias sociais, a fim de aumentar ainda mais o envolvimento do seu público. De modo geral, programas como o CQC, assim como o Super Pop, pautados por debates sobre temas polêmicos de maneira sensacionalista, contribuíram para a notoriedade e popularização do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e de outras lideranças políticas de extrema-direita (Fórum, 2023), a quem o MBL a princípio, apoiava sutilmente. Dessa forma, o MBL logrou uma efetiva liderança política nas redes sociais, uma vez que, conseguiu convocar e influenciar seus apoiadores para engajarem suas pautas e aderirem às mobilizações, demonstrando como um todo, as consequências que o uso constante das redes sociais com fins políticos pode causar ao cenário social.

Por essa razão, o movimento é considerado um dos primeiros grupos no Brasil a utilizar as modernas táticas de ciberativismo (Tonetto, 2018). Mesmo dispondo de recursos financeiros limitados, o MBL se utilizou de métodos relativamente simples para sustentar seu engajamento, recorrendo a bots<sup>14</sup>. Entre o período de 2016 e 2018, a quantidade de postagens do MBL em sua página no Facebook poderia ultrapassar a marca de 70 posts por dia, representando um notório contato contínuo com seus seguidores (Tonetto, 2018), o que também resultou no aumento do acesso em suas páginas.

---

<sup>13</sup> O CQC foi um programa humorístico mundial, com origem na Argentina. No Brasil o programa era exibido semanalmente, sendo caracterizado pelo seu humor crítico e até ácido, principalmente em suas sátiras políticas, onde abordavam políticos e personalidades da mídia para pressioná-las e obterem respostas de seus interesses, sendo considerado por muitos um revolucionário gênero jornalismo, que até então era pouco explorado no país.

<sup>14</sup> São programas que imitam ações humanas repetidamente para aumentar o alcance de postagens e moldar os algoritmos das plataformas digitais, potencializando a visibilidade, relevância e disseminação de conteúdo.



Dessa forma, a expansão e ascensão do MBL está diretamente relacionada à utilização das redes sociais de modo estratégico, uma vez que, desde sua formação o coletivo se estruturou e fortaleceu através do âmbito online, ao usarem principalmente plataformas digitais como o Facebook, Twitter, YouTube, Instagram e Telegram (Miranda, 2021), para propagarem conteúdos de cunho liberal e apelativo. A internet possibilitou que o MBL conduzisse o discurso anti PT de forma mais direta e eficiente, devido ao poder que as mídias digitais possuem na disseminação de informação, facilitando assim que os conteúdos polêmicos produzidos pelo grupo fossem entregues para mais pessoas, o que consequentemente ampliou a visibilidade e o engajamento do MBL no espaço online (Miranda, 2021). Portanto, por meio das mídias sociais, o coletivo consolidou uma posição institucional, uma vez que, essa institucionalização foi dada pelo reflexo das ruas, isto é, das dores dos cidadãos. Mediante a isto, o MBL passou a adotar técnicas típicas de think tanks, como a criação da Academia MBL<sup>15</sup>, onde nele o coletivo vende cursos, capacitam indivíduos a produzirem conteúdo formativo, gerando assim um fortalecimento nacional da articulação política do grupo. Logo, a internet não foi apenas um ambiente de comunicação, mas tornou-se um eixo fundamental de organização, expansão, atuação e fortalecimento político do MBL.



**Figura 5** – Layout Academia MBL

**Fonte:** Site Academia MBL (2025).

<sup>15</sup> Site oficial: <https://academia.mbl.org.br/>

#### 4. 4 – Principais atuações do MBL pós mobilizações pelo impeachment

Durante sua ascensão no período das manifestações pelo impeachment, o Movimento Brasil Livre engajou-se em uma guerra ideológica e para que suas pautas possuíssem mais evidências, tornou-se necessário que o MBL expandisse, para assim agregar mais colaboradores em todo país. Essa estratégia demonstrou uma tentativa de descentralizar a atuação do MBL, já que a princípio, concentravam suas ações no eixo Rio São Paulo. Logo, tal atitude gerou frutos, fazendo com que o movimento fosse mais acessível para membros que gostariam de participar do movimento de modo presencial. Para além disso, essa estratégia também facilitou o processo de mobilização por estados e a captação de recursos, circunstâncias que alavancaram o engajamento do grupo (Miranda, 2021).

Deste modo, os serviços prestados pelo coletivo alcançaram ainda mais pessoas, sobretudo entre os anos de 2015 e 2016, período em que o MBL mais vendeu cursos e workshops, dado que, no decorrer desse período muitos indivíduos buscaram se informar sobre política e economia, temas esses diretamente relacionados ao contexto de crise e de mudanças em que o Brasil estava passando durante tais anos. Tais serviços citados estão disponíveis no site do MBL, nele é possível observar a articulação interna do coletivo, estruturada por diversas coordenações estaduais e municipais do movimento.



**Figura 6** – Layout site MBL

**Fonte:** Site oficial MBL (2025).

O site do Movimento Brasil Livre “mbl.org.br”, contém muitas informações sobre as ações do grupo, sendo divididas em três temáticas, a primeira é a “Quem somos”, na qual descreve os valores e os princípios do coletivo. A segunda intitulada como “Nossos projetos” apresenta os cursos ofertados pela academia MBL e pôr fim à terceira e última janela nomeada como “Participe do MBL”, aborda sobre as formas de integração ao grupo tanto para participar de seus clubes, como formas de apoio ao movimento. Além desses serviços de caráter doutrinário ofertados pelo MBL após as mobilizações pró impeachment, o coletivo realizou diversas ações, não só de modo online, mas também presencial. Os próximos tópicos do presente capítulo analisaram os principais membros do MBL que conseguiram ser eleitos, as disputas internas no grupo em conjunto ao rompimento com o bolsonarismo e por fim, às polêmicas mais relevantes em que o coletivo esteve vinculado.

#### *4.4.1 - Movimento Brasil Livre na política institucional*

No ano de 2015, o Movimento Brasil Livre organizou o seu primeiro congresso nacional, realizado entre os dias 28 e 29 de novembro em São Paulo (VEJA, 2015). O evento possuiu uma programação extensa, estruturada por palestras, grupos de trabalho (GT's) e workshops. No evento ocorreu o lançamento do site do MBL, além da construção coletiva de cadernos de propostas, sendo um forte indício de que neste ano já existia uma movimentação e organização interna para a eleição que ocorreria no ano seguinte.

Dessa maneira, o MBL aproveitou do capital social que obteve nas mobilizações pelo impeachment de Dilma Rousseff para lançar candidatos para as eleições municipais de 2016, entrando de fato na política institucional do país. O coletivo utilizou, sobretudo, das propostas formuladas em seu primeiro congresso, servindo de pauta eleitoral para os seus candidatos (Miranda, 2021). Com o passar dos anos, o grupo continuou investindo em candidaturas para as eleições seguintes, onde conquistaram cargos nos âmbitos estadual e federal. A maioria desses candidatos eram estudantes engajados no movimento, que coordenava unidades locais do coletivo. A partir desta movimentação, o MBL passou a se autodefinir como suprapartidário, viabilizando que seus membros se filiassem a diversos partidos políticos (em sua totalidade à direita do espectro ideológico) para assim concorrem nas eleições (Miranda, 2021). Para o coletivo era de extrema importância que eles alcançassem o poder na política

institucional, dado que, os mandatos de seus membros seriam ferramentas para concretização do plano de projeto de país “perfeito” idealizado por eles. De acordo com João Miranda:

“Desde os seus primórdios, assim, o MBL vem construindo e defendendo o seu projeto de país e as eleições ocorridas nos anos seguintes seriam mais um meio para a sua implementação. Ao optar por disputar as eleições, este aparelho acabou se tornando, dentre outras coisas, uma plataforma responsável por lançar pessoas com potencial de se elegerem nas eleições, sejam elas municipais ou presidenciais. Por conta disso, as e os intelectuais que o compõe e que possuem maior relevância, passam a receber maior exposição nos meios de difusão do aparelho, em especial, as suas redes sociais.” (Miranda, 2021, p.117)

Na citação acima, Miranda deixa explícito os impactos que a utilização das redes sociais com o poder político pode gerar, especialmente na influência e engajamento dos cidadãos. Utilizando de tais veículos sociais, o MBL operou e instigou guerras ideológicas (Cancian, 2017), transformando o cenário político em uma espécie de confronto entre “fã-clubes”, marcada pela forte polarização entre esquerda e direita. Esta dualidade é composta por personalidades que simbolizam a caricatura do dito “salvador da pátria”, que no contexto atual, são caracterizados pela figura de Lula e Bolsonaro.

No entanto, apesar do MBL se declarar suprapartidário, há alguns anos o coletivo tenta formalmente fundar seu próprio partido político, intitulado como “Missão”. O coletivo conseguiu recolher mais de 811 mil assinaturas, estando duzentas mil delas já disponíveis para a validação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Para conseguir a instituição da nova sigla, segundo o TSE é necessário um total de 547 mil assinaturas, além da entrega da elaboração do programa e do estatuto da agremiação pelos fundadores, que devem ser, no mínimo “101 eleitores em pleno exercício dos direitos políticos e com domicílio eleitoral em pelo menos um terço dos estados brasileiros” (CNN, 2024). Por tais razões, ainda em 2016, com o intuito de lançar candidatos, o movimento optou por se associar a outros partidos vinculados à direita, centro-direita e extrema direita brasileira, dentre eles estão em destaque: PSDB, DEM, MDB, PSC, Cidadania e NOVO (Miranda, 2021). Com a junção da influência do MBL e dos partidos associados, o coletivo conseguiu eleger grande parte de seus candidatos, na tabela abaixo segue uma lista de membros e ex-membros formais do MBL que foram eleitos entre os anos de 2016 e 2024.

Quadro 4 – Personalidade eleitas do MBL

<b>PERSONALIDADES MBL ELEITAS</b>			
<b>NOME</b>	<b>CARGO</b>	<b>PARTIDO</b>	<b>STATUS</b>
<b>Amanda Vetorazzo</b>	Vereadora da Cidade de São Paulo (2025 - Atual)	União Brasil	Ativo (2021 - Atual)
<b>Arthur do Val</b>	Ex-Deputado Estadual do Estado de SP (2019 - 2022)	União Brasil	Ativo (2016 - Atual)
<b>Fernando Holiday</b>	Ex-Vereador da Cidade de São Paulo (2017 - 2024)	Partido Liberal	Inativo (2016 - 2021)
<b>Gabriel Monteiro</b>	Ex-Vereador da Cidade do Rio de Janeiro (2021 - 2022)	Partido Liberal	Inativo (2019 - 2019)
<b>Guto Zacarias</b>	Deputado Estadual do Estado de SP (2023 - Atual)	União Brasil	Ativo (2015 - Atual)
<b>Kim Kataguiri</b>	Deputado Federal pelo Estado de SP (2019 - Atual)	União Brasil	Ativo (2014 - Atual)
<b>Lucas Pavanato</b>	Vereador da Cidade de São Paulo (2025 - Atual)	Partido Liberal	Inativo (2016 - 2021)
<b>Rubinho Nunes</b>	Vereador da Cidade de São Paulo (2021 - Atual)	União Brasil	Inativo (2014 - 2022)

**Elaboração própria. Fonte:** Várias fontes.

Os atores citados acima são ou foram membros oficiais do MBL, que apresentam características semelhantes de ideologia, mobilização e estrutura governamental, dado que, apresentam pautas similares, uma vez que, todas as personalidades mencionadas expressam traços liberais e conservadores, isto é, são apoiadores dos valores e moral e dos bons costumes, sendo algo contraditório visto que, dois membros descritos tiveram seus mandatos cassados por atitudes inapropriadas e criminosas (CNN Brasil, 2022). Outra semelhança marcante entre os políticos citados é a estratégia de atuação nas redes sociais, sendo possível notar postagens parecidas, utilizando discursos de ódio, em especial ao atacarem personalidades e indivíduos declaradamente de esquerda, tanto nas redes sociais quanto na rua, aplicando o método CQC, já pontuado anteriormente neste capítulo. Para além disso, a partir da tabela fica notório a repetitiva vinculação dos atores com os mesmos partidos, destacando-se sobretudo o PL e o União Brasil. Contudo, também é evidente que alguns nomes da lista já não fazem mais parte do MBL, especialmente as personalidades filiadas ao PL (partido do ex-presidente Jair Bolsonaro), ocasionado por divergências políticas após o

rompimento do movimento com Bolsonaro em seu primeiro ano de governo presidencial, o que gerou conflito com os bolsonaristas que apoiavam o coletivo.

#### *4.4.2 – Rompimento com o bolsonarismo e perda de popularidade*

Ao longo de 2019, o primeiro ano de governo de Jair Bolsonaro, o MBL dedicou esforços para demonstrar ações e influenciar pessoas a acreditarem que tudo mudaria, uma vez que, um dos “seus” finalmente assumiu a cadeira de maior autoridade política do Brasil. Mesmo com alguns deslizes, principalmente relacionados a falas e ações problemáticas do ex-presidente Bolsonaro (Leal, 2021), a página procurou amenizar algumas circunstâncias, assim como optou por vincular a imagem do governo a outro ator político, sendo ele o ex-ministro da justiça escolhido por Bolsonaro, Sérgio Moro, o mesmo que esteve envolvido na prisão do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A imagem de Moro foi construída midiaticamente, no campo das ofertas político-ideológicas (Bourdieu, 2008), já que o campo político é um espaço de disputa simbólica onde os atores políticos criam narrativas ideológicas para obter legitimidade e conquistar apoio eleitoral.

Dessa forma, essa oferta político-ideológica desenvolvida por Pierre Bourdieu (2008) é, portanto, uma proposta simbólica com força mobilizadora, e Moro foi justamente uma dessas ofertas utilizadas por Bolsonaro para fortalecer seu capital político, ou seja, a presença de Moro no governo Bolsonaro ajudou a construir a narrativa de que a corrupção no Brasil iria acabar, credibilizando ainda mais o discurso de Bolsonaro sobre anticorrupção (Leal, 2021). O ideal da honestidade como virtude é uma pauta utilizada por diversos políticos brasileiros, não sendo diferente com Bolsonaro, principalmente em sua campanha eleitoral à presidência em 2018, posto que segundo o mesmo “a corrupção e a mamata iriam acabar”.

Com o passar dos meses, o governo Bolsonaro foi se desestruturando, tornando-se uma política de “toma lá, dá cá” com o “centrão” (Vieira, 2022). Contudo, essa política não foi apenas uma estratégia pontual durante uma fase do governo Bolsonaro, no entanto se consolidou como parte integrante das ações governamentais, o que influenciou diretamente nas práticas políticas e administrativas, resultando em um impacto financeiro bilionário ao longo do mandato. Dessa forma, o que em qualquer outro governo seria tratado como corrupção, na gestão de Bolsonaro essa retirada bilionária foi intitulada como “orçamento secreto” (Vieira, 2022). Todavia, a partir de várias dessas jogadas políticas no mínimo

duvidosas, muitos dos eleitores de Bolsonaro e grupos como o próprio MBL e o Movimento Vem pra Rua, perderam a confiança no presidente “honesto” que “salvaria” a nação brasileira.

Levando em conta tal contexto, o Movimento Brasil Livre foi afastando-se cada vez mais da gestão Bolsonaro e se aproximando da figura de Moro, o que não agradou os apoiadores bolsonaristas do coletivo (Vieira, 2022), estando entre eles alguns dos filhos do próprio Jair Bolsonaro que possuíam estreitos laços com o grupo. No entanto, esses constantes atritos, fizeram com que o movimento enfraquecesse e perdesse vários de seus integrantes, dado que, acreditavam que o movimento estava traindo os verdadeiros patriotas representados pela figura do ex-presidente. Entre os membros da tabela exposta na subseção anterior, destacam-se dois nomes que optaram por se desvincular do coletivo pelas razões apresentadas acima, foram eles: o ex-vereador Fernando Holiday e o atual vereador Lucas Pavanato, ambos da cidade de São Paulo e apoiadores e seguidores fiéis de Jair Bolsonaro até o presente momento (Gazeta do Povo, 2023). Outras lideranças estaduais e municipais relevantes também deixaram o coletivo por divergências políticas.



**Figura 7 – Críticas a Bolsonaro**

**Fonte:** Facebook MBL (2022, 2023).

A decisão de romper com o bolsonarismo e consequentemente com seus apoiadores, fragmentou os planos do MBL e obrigou o grupo a repensar as estratégias de atuação, com vistas a aproximar mais pessoas ao movimento. Isso se fez necessário pois o bolsonarismo é

na atualidade o campo mais numeroso e influente das direitas brasileira (Gazeta do Povo, 2023). Esse aspecto se tornou ainda mais desafiador após os resultados das eleições de 2022, em que o MBL lançou seis candidaturas, entretanto, só acabou conseguindo eleger apenas dois parlamentares, sendo eles: Kim Katagui (União Brasil) reeleito para deputado federal por São Paulo, e Guto Zacarias (União Brasil) eleito deputado estadual também por São Paulo (Brasil de fato, 2022). Dentre os seis aspirantes políticos que o MBL lançou, apenas Kim Katagui era veterano, os outros cinco eram novatos. Dessa forma, vale pontuar que mesmo com a derrota de quatro candidatos nas eleições de 2022, divididos entre Partido Novo e União Brasil, é necessário destacar que os aspirantes políticos de primeira viagem tiveram uma votação expressiva, em que somaram mais de 81 mil votos (Gazeta do Povo, 2023).

Portanto, o declínio do Movimento Brasil Livre pode ser explicado sobretudo pelas posições políticas do movimento, o que acarretou mudanças táticas e rupturas com aliados, o que afetou sua base de apoio. A princípio, o MBL cresceu de modo expansivo em decorrência da utilização estratégica da internet através das redes sociais, espaço onde o coletivo engajou e divulgou pautas liberais, antipetistas e de combate à corrupção, acima de tudo durante o processo de impeachment e as eleições de 2018 que elegeram Jair Bolsonaro como presidente. Esse laço com o bolsonarismo fortaleceu sua notoriedade, principalmente ao apoiarem a figura de Sérgio Moro como símbolo de ética e moral na política. Contudo, com o passar dos meses o MBL passou a assumir um posicionamento mais crítico em relação ao Governo Bolsonaro gerando incômodo nos bolsonaristas, que por sua vez também faziam parte de seu público, causando uma fragmentação.

Desse modo, o MBL passou a ser alvo de intensas críticas por parte de grupos e personalidades alinhadas ao bolsonarismo, ou seja, se antes as mídias digitais eram proveitosas para o coletivo, passou a ser conflituosas, para além disso, as divergências também levaram membros do movimento a saírem, acarretando assim em um problema interno e externo. Tal fator desgastou a imagem do MBL, ficando ainda mais evidente nas eleições de 2022, onde o grupo não elegeu a maioria de seus candidatos. Diante o exposto, fica notório que as redes sociais foram de fundamental importância para a ascensão do MBL, contudo elas também contribuíram para o seu declínio, uma vez que, as mesmas por conta das dinamicidades presente especialmente em sua relação com a política, requerem posicionamentos contínuos, que muitas vezes não contemplam grande parte dos seguidores do



movimento, fazendo com que o MBL perdesse espaço tanto na política digital, quanto no âmbito da política institucional.

#### *4.4.3 – Narrativas utilizadas pelo MBL que geraram polêmicas*

Com o passar dos anos, o Movimento Brasil Livre e alguns membros em específico se envolveram e protagonizaram diversas polêmicas no cenário social, principalmente no âmbito das mídias sociais tanto em fala quanto em ação. Em entrevista ao jornal *El País* em 2020, Arthur do Val criticou o atendimento assistencial prestado por ONGs e por setores da Igreja Católica a moradores de rua do centro de São Paulo, utilizando como exemplo o voluntariado do Padre Júlio Lancelotti, alegando que tais atitudes são destrutivas para a cidade de São Paulo (El País, 2020). No entanto, ele não é o único ligado ao MBL que possui tal convicção, o vereador de São Paulo, Rubinho Nunes também compactua dessa ideia, dado que, propôs o Projeto de Lei 445/2023 que prevê a possibilidade de aplicação da multa de R\$ 17.680 para quem descumprir regras para doação de alimentos a moradores de rua (CNN Brasil, 2024).

Outra fala polêmica dos membros do MBL foi a de Arthur do Val novamente, onde no início de 2022, teve áudios comprometedores vazados. Nos áudios, do Val fala de forma pejorativa e criminosa sobre a situação das mulheres ucranianas na guerra entre Rússia e Ucrânia, relatando como elas eram “fáceis” e fariam de tudo por comida. Os impactos da sua fala foram enormes, o levando a ter seu mandato na Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp) cassado, tendo os seus direitos políticos suspensos por oito anos (G1 São Paulo, 2022). Outro discurso transgressor veio do coordenador nacional do movimento, Kim Kataguirí, também em 2022, no qual o mesmo em entrevista ao Flow Podcast, defendeu que a Alemanha errou ao criminalizar o nazismo. Em sua fala o deputado federal afirmou que “por mais absurdo, idiota, antidemocrático, bizarro, tosco o que o sujeito defenda, isso não deve ser crime porque a melhor maneira de você reprimir uma ideia antidemocrática” (BBC News Brasil, 2022). Ao defender tal posição o principal representante do MBL no Congresso impulsiona e encoraja pessoas a se expressarem não importando as consequências legais, isto é, partindo desta ideia a opinião pessoal do indivíduo está acima das leis que regem nossa sociedade, trazendo à tona a estreita relação entre liberdade de expressão e apologia ao crime.

Contudo, apesar de tantos absurdos cometidos por indivíduos ligados ao MBL, citados nos parágrafos anteriores, a maioria dos discursos polêmicos realizados pelo coletivo estão vinculados à produção cultural do Brasil, onde em diversas oportunidades criticam fortemente

objetos artísticos, a música, a dança, o teatro e o cinema. Dentre tal âmbito, eles executaram uma forte campanha contra a Lei Rouanet, que incentiva à produção cultural no país, especialmente por se tratar de uma das propostas e políticas executadas pelo governo de Dilma Rousseff (Cancian, 2019), da qual como já visto, o coletivo agiu com forte oposição, resultando no mandato suprimido. Partindo desse ponto de vista, a subseção focará em dois movimentos realizados pelo grupo contra a produção cultural que dividiu opiniões e gerou bastante engajamento nas redes sociais.

O primeiro deles ocorreu no ano de 2017, em que o Movimento Brasil Livre voltou a ganhar notoriedade nacional após a queda de Rousseff. O coletivo dessa vez viralizou ao defender pautas mais conservadoras, associadas à temática da moral e dos bons costumes, principalmente no que diz respeito à produção cultural no Brasil. Ampliando sua agenda liberal, o MBL protagonizou em suas redes sociais uma campanha de boicote à exposição “Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira”, realizada pelo Santander Cultural na cidade de Porto Alegre (El País, 2017). Em seus posts o grupo destacou que as obras expostas no evento ofendiam a religião, em especial a fé cristã e para além disso, ainda naturalizava a zoofilia e a pedofilia. Tal situação gerou grande repercussão nas mídias sociais, chegando ao ponto de o Santander suspender a exibição.

Assim como relatado na seção anterior, o MBL exerceu a técnica CQC ao pressionar e provocar a instituição financeira, fazendo com que ela recuasse e optasse por interromper a exposição. Esse fato evidenciou novamente a forte influência que o movimento exercia perante seu público, dado que, seus seguidores engajaram as postagens e acessaram o perfil da instituição para constrangê-los e fazê-los encerrar com a exposição. Esse recurso comunicacional utilizado pelo MBL em suas postagens, ainda hoje acarretam “guerras ideológicas”, entre grupos, principalmente em temáticas ligadas à cultura, onde o coletivo frequentemente promoveu ataques aos indivíduos e obras de ideologia contrária à sua, sobretudo contra o seu ideal conservador (Cancian; Malini, 2017).

Entretanto, em 2018 a exposição foi reinaugurada, dessa vez na cidade do Rio de Janeiro, a reabertura do evento causou novamente polêmica, no entanto as mobilizações digitais causadas pelas *Fakes News* produzidas pelo MBL por sua vez ocasionaram em manifestações de rua (O Globo, 2018). Esse protesto aconteceu no dia 18 de agosto em frente ao Parque da Lage, local em que a exposição estava exposta. Além do MBL, também

participou da articulação, a Liga Cristã brasileira (Exame, 2018), onde ambos os movimentos estavam representando os interesses da classe conservadora do país.



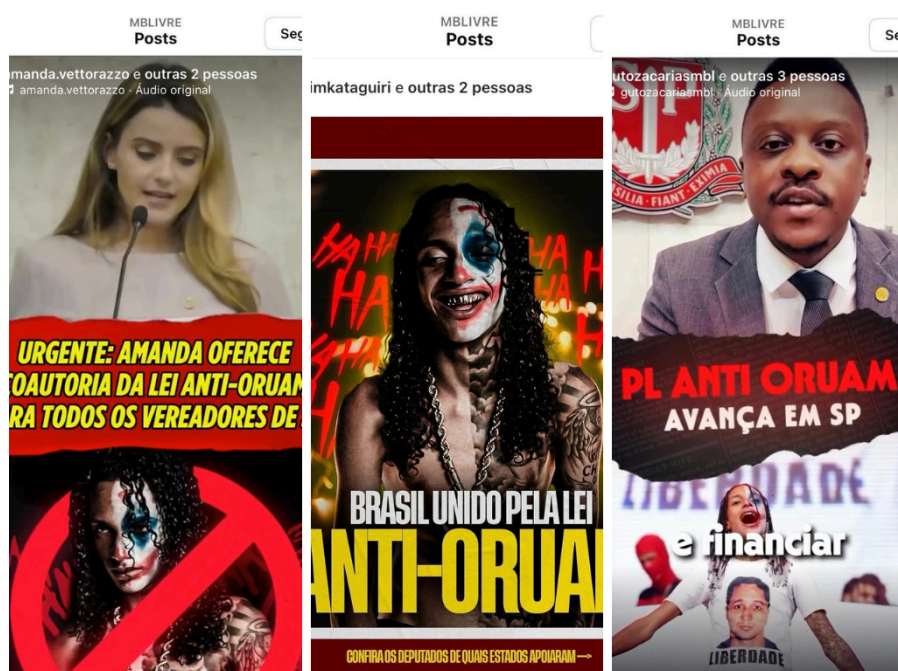
**Figura 8** – Protesto MBL contra a reabertura da exposição

**Fonte:** O Globo e Veja (2018).

O segundo movimento contracultura foi realizado neste ano de 2025, porém os resultados foram diferentes da mobilização anterior, uma vez que, dessa vez, o Movimento Brasil Livre detém o poder institucional a seu favor. Essa nova polêmica protagonizada pelo MBL se deve a chamada Lei Anti-Oruam, que obteve grande repercussão nas mídias sociais (Brasil de Fato, 2025). A ementa do Projeto de Lei dispõe sobre o impedimento da contratação de shows, artistas e eventos abertos ao público infanto-juvenil que envolvam, no decorrer da apresentação, expressão de apologia ao crime organizado ou ao uso de drogas e dá outras providências (Câmara Municipal de São Paulo, 2025), de autoria da vereadora Amanda Vettorazzo (União Brasil). Contudo, tanto o deputado estadual de São Paulo Guto Zacarias, quanto Kim Kataguiri, deputado federal também por São Paulo, protocolaram o PL em suas esferas, estadual e federal respectivamente. Para além disso, com o engajamento dos membros do MBL sobre a proposição, logo o projeto foi abraçado por outros parlamentares conservadores, estando aprovado ou em processo de tramitação no sistema legislativo de diferentes estados e municípios de todo o Brasil.

O principal rosto da Lei Anti-Oruam é o trapper Mauro dos Santos, conhecido pelo nome artístico Oruam. A escolha da figura artística, possivelmente se deve por se tratar de um

artista de grande repercussão com grandes números de seguidores nas redes sociais e de visualizações e reproduções nas plataformas digitais de música. Todavia, outro importante fator é adicionado à lista, dado que o trapper é filho de um conhecido membro de facção no Rio de Janeiro, o que gerou ainda mais alarde nas vias midiáticas (Brasil de Fato, 2025). Em suas músicas, é perceptível que Oruam traz relatos do cotidiano das favelas, onde o crime organizado tem um papel notório, esbanjando ostentação nas letras e videoclipes, sendo pautas comuns entre os artistas do gênero. Para o Cientista Político, Joselicio Júnior, a escolha do MBL de colocar o trapper como alvo é tanto simbólica quanto ideológica (Brasil de Fato, 2025), que gerou polêmicas referente aos motivos já citados.



**Figura 9** – Engajamento ao PL Anti-Oruam

**Fonte:** Instagram MBL (2025).

Utilizando essas narrativas apelativas que produzem comoção e apoio por parte de grupos mais conservadores, assim como indivíduos meramente preconceituosos e taxativos. Com a elaboração do Projeto de Lei, o MBL consegue retomar sua popularidade, uma vez que, até os bolsonaristas apoiaram o projeto. A atitude do coletivo, somando a criação desse PL, traz reflexões importantes a respeito da criminalização do Rap/Trap/Funk, principalmente por se tratar de uma estratégia de setores da extrema direita como o MBL. Segundo o Cientista Social, Thiago Torres (conhecido como Chavoso da USP) via Instagram (2025), se

faz necessário analisar que não são apenas as letras das músicas que incomodam esses grupos, mas também o estilo das roupas, atitudes, linguajar, gestos, tudo que de certa forma caracteriza e representa o jovem periférico.

O uso dessas pautas nas redes sociais por parte do MBL, acarreta na propagação da cultura do medo, do combate ao diferente com uso da violência, sendo uma forma da direita organizar e ampliar o seu campo de influência na sociedade, aumentando consequentemente sua base eleitoral, uma vez que, ganham o apoio também do setor evangélico. No entanto, a partir desse Projeto de Lei fica notório certa hipocrisia que o Movimento Brasil Livre carrega, visto que se o coletivo apoia a liberdade de expressão, utilizando novamente da fala do próprio Katagiri no Flow Podcast, “mesmo sendo o mais absurdo, idiota, bizarro, tosco o que o sujeito defenda, isso não deve ser crime”, já que faz parte do direito de liberdade de expressão do indivíduo. Dessa forma, por que o MBL propôs criminalizar atos que eles acreditam fazer parte do direito dos cidadãos? Será que o benefício de se expressar livremente é apenas aplicado a pautas e público que convém ao coletivo?

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou investigar o fenômeno do crescimento da extrema direita no Brasil, a partir da análise da complexa articulação existente entre política e mídias sociais, a partir do desenvolvimento e atuação do Movimento Brasil Livre, apresentado como um dos principais representantes desse novo cenário político. A análise exposta ao longo dos capítulos destacou que nos últimos anos, o meio digital, principalmente as redes sociais, vem alterando as formas com que os indivíduos se comunicam e relacionam. Essa nova tendência também afeta o campo político, uma vez que as personalidades políticas se mobilizam, articulam e criam pautas representativas, tornando-as essenciais para compreensão do crescimento de discursos liberais e conservadores no âmbito social e político do país.

Dessa forma, a ascensão da extrema direita brasileira está diretamente ligada à globalização e às modificações estruturais nos meios de comunicação da era digital, uma vez que, diferentes personalidades souberam utilizar as redes sociais para moldar e impulsionar as dinâmicas de participação política. Em um cenário de crise da democracia no país, os movimentos ligados à extrema direita encontraram nas mídias sociais um ambiente propício para formação de narrativas, articulação, mobilização e consolidação de poder. Deste modo, o MBL é um caso bem-sucedido de como agrupamentos políticos surgem, desenvolvem-se e conquistam notoriedade nacional, através de planejamentos estratégicos digitais eficientes, baseadas em pautas moralistas atreladas ao público evangélico, neoliberal e contrário ao PT.

Primeiramente, a pesquisa analisou o crescimento da extrema direita na contemporaneidade contextualizado como um fenômeno global, em que foi intensificado por fatores de crises sociais e econômicas a exemplo da instabilidade ocorrida em 2008, acarretando o aumento das desigualdades e na degradação das instituições, causadas justamente pela expansão do neoliberalismo (Mudde, 2020). Já no Brasil, essa circunstância foi gerada por diferentes fatores, associados à ao fortalecimento de bancadas evangélica conservadoras e ao surgimento de uma “nova direita” tipicamente liberal e midiática que em conjunto com as redes sociais, conseguiu utilizar de tal espaço como meio crucial de articulação e expressão (Solano, 2019). O primeiro capítulo também expôs que as mídias digitais desempenharam uma função vital na reorganização da extrema direita brasileira, visto que, os mecanismos das redes sociais operam por meio de ações mais diretas, onde pautas políticas são disseminadas com ajuda de algoritmos. Isto posto, opiniões e crenças são moldadas para atrair mais simpatizantes e seguidores, possibilitando no desenvolvimento de

mobilizações tanto virtuais quanto nas ruas, contribuindo assim para a diferenciação do modo de fazer política por parte de tal grupo, que ocasionou em novas formas de engajamento instantâneo, marcada pela interatividade e utilização de recursos midiáticos.

Segundamente, o estudo refletiu acerca do papel das redes sociais digitais como ferramentas essenciais na transformação da comunicação política contemporânea, principalmente no contexto da ascensão da nova direita no Brasil. A internet e suas plataformas digitais não apenas moldam as formas de sociabilidade e circulação da informação, mas também reconfiguram o próprio nexos de representação política (Castells, 2018). Desta maneira, as redes sociais se tornam ambientes propícios para dinâmicas do poder simbólico (Bourdieu, 2008), principalmente ao examinarmos a linguagem, os símbolos e as representações sociais que a direita extremista possui.

São através desses pontos que tal agrupamento influencia e molda as relações de poder em diferentes contextos, onde criam e utilizam a estratégia do inimigo comum, disputam guerras de narrativas e formam personalidades públicas e políticas que exploram drasticamente os recursos de engajamento e viralização das redes sociais (Caldeira, 2020). Portanto, fica notório que as ações desses indivíduos por meio das redes sociais refletem a crise da democracia existente no âmbito “real”, assim como colabora para seu aprofundamento, ao beneficiar os processos de polarização e consequentemente de desinformação. Dessa forma, coletivos como o MBL e lideranças políticas como Jair Bolsonaro, Lucas Pavanato e Nikolas Ferreira, exemplificam certamente o resultado da influência do meio digital sobre o atual cenário político.

A partir dessas circunstâncias, a atuação do Movimento Brasil Livre destaca-se, uma vez que, através de estratégias digitais conseguiu articular e se comunicar com a população de forma eficaz, se tornando bem-sucedido ao ganhar notoriedade e influência política em nível nacional. Fundado em um cenário de profunda polarização política, por jovens entusiastas, instruídos pela corrente neoliberal, o MBL a princípio surgiu como uma espécie de remodelagem das redes internacionais de promoção ao liberalismo, como o Atlas Network e o Estudantes pela Liberdade (Cardoso, 2020), que capacitam e formam jovens com perfis de liderança e pró-mercado. Após a reeleição de Dilma Rousseff, e com o descontentamento por parte de muitos brasileiros, o MBL, mediante a construção de narrativas antipetistas em combate à corrupção e defesa ao modelo econômico liberal, conquistou assim ascensão ao coordenar as mobilizações pelo impeachment.

Desse modo, os algoritmos das redes sociais possibilitaram que o MBL fizesse o uso de bots<sup>16</sup>, *Fake News*, além da disseminação de conteúdos virais, que possuem o objetivo de explorar emoções como raiva e indignação, a fim de gerar identificação por parte dos cidadãos (Solano, 2019). Na pesquisa, torna-se notório que em decorrência a tais processos, a estrutura política passa por alterações drásticas, passando a ser regidas pelas mídias digitais, onde narrativas se tornam mais valorosas do que a informação, estabelecendo assim uma sociedade polarizada (Martino, 2014). Utilizando esse fundamento, por meio de suas redes sociais, o MBL mobilizou milhares de pessoas a comparecerem às manifestações de rua, que acarretaram no impeachment de Dilma Rousseff. Com tamanho feito, o coletivo deu prosseguimento em seu desenvolvimento, adentrando no campo político-institucional, elegendo primeiramente personalidades como Fernando Holiday e Kim Kataguirí, para os setores legislativos em âmbito municipal e federal, respectivamente. Logo o MBL passou a ocupar não apenas os espaços de debates online, mas também as esferas do mundo presencial na política institucional do país.

Dessa forma, a investigação realizada na presente pesquisa é relevante por tratar de um fenômeno político-social em andamento, uma vez que, nossa sociedade ainda vivencia a crise da democracia representativa, além da existente forte degradação e deslegitimação atual das instituições públicas. Isto posto, o trabalho pretende contribuir para o entendimento do avanço da extrema direita, não somente como potência eleitoral, mas como articulação política estruturada baseados nas mídias digitais, tornando-se necessário compreender as formas de atuação política no ambiente digital, sendo um categórico acadêmico e social. Logo, o estudo oferece uma significativa contribuição para os debates sobre extrema direita brasileira, movimentos sociais e a influência das redes sociais sobre o novo processo de articulação e conduta política. Sendo importante destacar tais fatores em tempos de hiperconectividade, desinformação e radicalização discursiva, pois entender tal fenômeno é também refletir sobre os caminhos da democracia em nosso país.

O objetivo geral deste trabalho foi investigar, discutir e compreender, a partir das discussões do campo da sociologia política, a relação vigente entre a expansão de grupos conservadores (particularmente da extrema direita), e o uso das redes sociais como meio, ferramenta e promoção política no Brasil, apresentada através do Movimento Brasil Livre. O trabalho buscou analisar a relação entre a ascensão da extrema direita brasileira e o uso das

---

<sup>16</sup> Abreviação de "robots", são programas automatizados que realizam tarefas em sistemas digitais imitando ações humanas.



redes sociais como ferramenta política, tendo o MBL como caso exemplar deste processo. Com base nas análises bibliográficas e documental das ações do coletivo, tanto em suas redes sociais quanto nas mobilizações de rua, a pesquisa conseguiu cumprir os objetivos propostos de examinar a atual crise democrática na política brasileira a partir do crescimento da extrema direita no país, analisar como o uso das mídias sociais se popularizou ao ponto de influenciarem nas decisões políticas dos indivíduos, investigar as dinâmicas do uso da comunicação por parte de personalidades/influenciadores políticos ligados à extrema direita no Brasil. Desse modo, o roteiro metodológico desenvolvido para a pesquisa possibilitou a identificação de que a articulação e as narrativas do MBL estão de acordo com as pautas debatidas pelas direitas global, que utilizam os mecanismos de viralização como catalisador para ganhar visibilidade e consolidação.

A hipótese da pesquisa é a que o Movimento Brasil Livre seria o resultado direto da complexa articulação entre política e redes sociais, e a emergência de desenvolvimento e consolidação do coletivo foi possível devido ao meio digital, uma vez que, o fortaleceu através da viralização de seus conteúdos, gerando consequentemente engajamento e notoriedade. Ou seja, o coletivo não teria ganhado tanta evidência e espaço político sem sua forma organizativa, dado que, tal feito foi potencializado com a expansão das mídias sociais. Isso significa que o MBL está intrinsecamente vinculado ao uso estratégico das redes sociais, já que o grupo soube aproveitar dos mecanismos ofertados pelas plataformas para construir um projeto político midiático ancorado na lógica da performance e do conflito ideológico, apresentando-se como alternativa renovadora de anticorrupção. Sendo nessa circunstância que as dinâmicas contemporâneas são postas à democracia, exigindo mais do que nunca uma investigação crítica, acerca dos métodos, narrativas e personalidades que estão relacionadas ao âmbito do nosso político.

Por fim, os resultados obtidos no decorrer da pesquisa, revelaram que o MBL não é apenas produto, mas também catalisador do novo modo de se fazer política no Brasil da era digital. O coletivo se beneficiou com as ferramentas do marketing político, implementando uma espécie de “branding ideológico” em torno de figuras como Kim Kataguirí (União Brasil – SP), Fernando Holiday (PL-SP) e atualmente Guto Zacarias (União Brasil – SP). Sendo assim, o MBL conseguiu construir uma marcante presença digital contínua, onde os membros do movimento e milhares de pessoas se comunicam e compartilham das mesmas ideias no campo político. Contudo, de modo semelhante, o MBL também conseguiu consolidar-se no meio institucional utilizando de estratégias semelhantes em períodos eleitorais, em que

conseguem eleger alguns de seus filiados, obtendo assim não apenas a força digital, mas também a governamental, levando diversas pautas do coletivo ao Congresso Nacional.

De modo geral, a pesquisa expôs que o crescimento da extrema direita não é apenas um fenômeno isolado, sendo parte de uma reorganização estrutural dos métodos de comunicação e representação política de forma global. Ademais, o trabalho ratifica que a partir do MBL, muitas personalidades ganharam notoriedade social, o coletivo serviu de exemplo para diversos atores políticos da extrema direita, visto que, os atos do grupo a partir de 2014 mudaram o modo com que os políticos se comunicavam com seus eleitores. O MBL gerou uma nova tendência no meio político, onde vários parlamentares são fruto dessa transformação, tornando o Movimento Brasil Livre uma peça-chave para compreender justamente a relação entre política e redes sociais.

A presente pesquisa, que investigou a relação entre as redes sociais e o crescimento da extrema direita brasileira, com foco no caso do Movimento Brasil Livre, inevitavelmente deixou lacunas que não puderam ser abordadas dentro dos limites metodológicos estabelecidos, que podem ser explorados por outros trabalhos. A exemplo de potenciais temáticas a serem desenvolvidas em trabalhos futuros estão o aprofundamento da atuação do MBL em suas filiais estaduais e municipais, uma vez que, este trabalho apenas abordou o coletivo de modo nacional, assim como um melhor detalhamento sobre as ações do coletivo após entrarem para cargos institucionais, especialmente análises acerca dos conteúdos nos projetos de leis de autoria dos membros do MBL eleitos, essas temáticas representam um campo de pesquisa promissor e ainda pouco explorado pelo meio acadêmico.

Além disso, outro aspecto que merece uma análise mais aprofundada e sistemática seria os conteúdos produzidos nas redes sociais (Facebook, Instagram e X) do MBL. É importante também ressaltar que devido à falta de transparência por parte do coletivo, em respeito ao quantitativo de membros, assinantes de cursos e participantes da Academia MBL, foi difícil encontrar informações precisas em relação a tais dados. Contudo, apesar dessas limitações, as rotas possibilitadas por esta pesquisa são úteis para futuras investigações acerca da temática. Dessa forma, a trajetória do MBL demonstra não apenas a transformação das dinâmicas de representação política no Brasil, mas também o papel central que a internet e as redes sociais possuem, na construção de novas lideranças, disseminação ideológica e no rearranjo dos limites entre a política institucional e as mobilizações online, fatores que o MBL carrega em seu desenvolvimento, em especial ao compreendermos seu processo de criação.

Deste modo, as lacunas apontadas, portanto, não enfraquecem o estudo, mas destacam e reafirmam a urgência de novas pesquisas sobre a complexa relação entre a extrema direita brasileira e as redes sociais.

## REFERÊNCIAS

### Livros

AVRITZER, Leonardo. **O pêndulo da democracia**. Todavia; 1ª edição, 2019.

\_\_\_\_\_. **O pêndulo da democracia: Uma análise da crise 2013-2018**.  
Novos estudos CEBRAP. São Paulo, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

BECK, Ulrich. **O que é Globalização? Equívocos do globalismo: respostas à globalização**. Tradução de André Carrone. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BELL, Daniel. **O advento da sociedade pós-industrial: Uma tentativa de previsão social**. São Paulo, Cultrix, 1977.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: Razões e significados de uma distinção política**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira, Editora ENESP, Rio de Janeiro, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das Trocas Linguísticas: O que Falar e o que dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CARDOSO, Adalberto. **À beira do abismo: Uma sociologia política do bolsonarismo**. Rio de Janeiro, Amazon, 2020.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede a era da informação: Economia, sociedade e cultura**. 10ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

\_\_\_\_\_. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2018.

\_\_\_\_\_. **Redes de indignação e esperança:** Movimentos sociais na era da internet. 1ª edição. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2013.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil.** São Paulo, 5ª edição, 2006.

FISHER, Max. **A máquina do caos:** como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2023.

GOMES, Wilson. **A democracia no mundo digital:** História, problemas e temas. 1ª edição, Sesc SP, 2018.

KAYSEL, André. Regressando ao regresso: Elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (orgs). **Direita, Volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2015. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fpabramo.org.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/270/Direita-volver-Final.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 de março de 2025.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. **Administração de Marketing.** Tradução Sônia Midori Yamamoto; revisão técnica Edson Crescitelli, edição 14. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna:** Novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria Das Mídias Digitais:** Linguagens, Ambientes e Redes. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade.** Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

MIGUEL, Luís. Felipe. A reemergência da direita brasileira. In. Solano, Esther – **O ódio como política:** Reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

MUDDE, Cas. A Extrema direita hoje. 1ª ed. EDUERJ. Rio de Janeiro, 2022.

MUDDE, Cas. **O regresso da ultradireita: Da direita radical à direita extremista**. Tradução Teresa Toldy e Marian Toldy. - 1ª ed. - Barcarena: Presença, 2020.

MUDDE, Cas. **Partidos populistas de direita radical na Europa**. Imprensa da Universidade de Cambridge, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511492037>

PIERUCCI, Antônio Flávio. **As bases da nova direita**. Novos Estudos, São Paulo, 1987.

PRZEWORSKI, Adam. **Crises da democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SOBER, Elliot. The primacy of truth-telling and the evolution of lying. In. **From a biological point of view**. Cambridge University Press, Cambridge, 1994, p. 71-92.

SOUZA, Jessé. **A Radiografia do Golpe**. Entenda Como e por que Você Foi Enganado. LeYa, São Paulo, 2016.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. Tradução Cristhian Matheus Herrera. 5ª ed. São Paulo: Bookman Editora, 2015.

## Artigos

ALONSO, Ângela. **A política das ruas**. Protestos em São Paulo de Dilma a Temer. Novos Estudos CEBRAP, n. especial, junho de 2017. Disponível em: <[https://novosestudios.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Angela-Alonso\\_A-pol%C3%A9tica-das-ruas.pdf](https://novosestudios.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Angela-Alonso_A-pol%C3%A9tica-das-ruas.pdf)>. Acesso em: 3 de abril de 2025.

AMARAL, Marina. **A nova roupa da direita**. Agência Pública, 2015. Disponível em: <<https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>>. Acesso em 21 de março de 2025.

BRASIL, Instituto de Planejamento Econômico e Social (Ipea). Texto para Discussão (TD) 2502: **Políticas públicas territoriais no Brasil**. Brasília, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9359>>. Acesso em: 12 de maio de 2025.

CANCIAN, Allan; MALINI, Fábio. **A nova cara da direita no Brasil: um estudo sobre o grupo político MBL - Movimento Brasil Livre**. Apresentado no 1º Simpósio Direitas Brasileiras. São Paulo: USP, 2017.

CALDEIRA NETO, Odilon., & FORTI, Stiven. **A extrema direita em perspectiva: espaços, abordagens e alcances.** Estudos Ibero-Americanos, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1980-864X.2023.1.45195>>. Acesso em: 11 de maio de 2025.

CALDEIRA NETO, Odilon. **O Neofascismo no Brasil, do Local ao Global?.** Revista Esboços: Histórias em contextos globais. V. 29, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/87065/52770>>. Acesso em: 5 de abril de 2025.

ESTEVES, Bernardo. **O Algoritmo da Ágora.** Revista Piauí, 2022. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-algoritmo-da-agora/>>. Acesso em: 3 de março de 2025.

FALLIS, Don. A Conceptual Analysis of Disinformation. Fallis. iCONFERENCE, University of Arizona, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2142/15205>. Acesso em: 30 de maio de 2025.

KAUFMAN, Dora & SANTAELLA, Lúcia. **O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais.** Revista FAMECOS, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/34074>>. Acesso em: 9 de abril de 2025.

MIRANDA, João Elter Borges. Estudantes Pela Liberdade: formas de organização e atuação, financiamento e intelectuais (2012-2016). **América Latina: Lutas Sociais e Revoluções.** Revista História & Luta de Classes, vol. 33, 2022. Disponível em: <<https://www.dev.historiaelutadeclases.com.br/upload/arquivo/2022/11/4b4db995831b2608d834f648e124270f26cd694>>. Acesso em: 21 de abril de 2025

MUDDE, Cas. A comparative analysis of the ideologies of three alleged right-wing extremist parties. European Journal of Political Research, 1995. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.1475-6765.1995.tb00636.x>>. Acesso em: 20 de junho de 2025.

MUNIZ, Eloá. **Marketing Político, conceitos e definições.** 2004. Disponível em: <[https://www.academia.edu/33661959/Marketing\\_pol%C3%ADtico\\_conceitose\\_defini%C3%A7%C3%B5es](https://www.academia.edu/33661959/Marketing_pol%C3%ADtico_conceitose_defini%C3%A7%C3%B5es)>. Acesso em: 15 de março de 2025.

PESSOA, Daniel Irineu de França. **Luta de classes no brasil contemporâneo: desafios societários, conciliação e enfrentamentos para o pós-bolsonarismo pandêmico.** PEGADA - A Revista da Geografia do Trabalho, 2024. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/9968>>. Acesso em: 12 de março de 2025.

SINGER, André. **Brasil, Junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas**. Novos Estudos, n. 97, novembro de 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000300003>>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org). **A Globalização e as ciências sociais**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2011. Disponível em: <<http://bds.unb.br/handle/123456789/778>>. Acesso em: 20 de março de 2025.

SOLANO, Esther; ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Marcio Moretto. **Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à Operação Lava Jato e contra a reforma de previdência**. Em Debate (Belo Horizonte), v. 9, n. 2. Disponível em: <<http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/7.pdf>>..Acesso em: 22 de março de 2025.

SOLANO, Esther. **A Bolsonarização do Brasil**. Documentos de Trabajo IELAT, Versión Digital, n. 121, abril 2019.

\_\_\_\_\_. (Org.). **A nova direita: desafios para a democracia**. São Paulo: Boitempo, 2022.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **A Primavera Árabe: Entre a Democracia e a Geopolítica do Petróleo**. 1ª Edição – Porto Alegre: Editora Leitura XXI, 2012. Disponível em: <<https://seculoxxi.espm.br/xxi/article/view/90/92>>. Acesso em: 4 de março de 2025.

## Dissertações e Teses

CANCIAN, Allan Marquez. **As novas estratégias da direita no brasil: um estudo sobre o grupo MBL – Movimento Brasil Livre no Facebook**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/1ee46336-72be-4569-ae80-ca87d23a81d0/content>>. Acesso em: 13 de março de 2025.

GOMES E SILVA, Henrique. **De pé para a bandeira e de joelhos para a cruz: nacionalismo cristão na política externa dos governos Bolsonaro e Orbán**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/74498>>. Acesso em: 11 de maio de 2025.

LEAL, Marco Aurelio de Oliveira. **Nuances do discurso anticorrupção: a página Vem pra Rua Brasil em questão**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/40752>>. Acesso em: 15 de março de 2025.



MACHADO, Luana Barbosa. **Nacionalismo, não-violência e os novos atores engajados na política contenciosa brasileira**: O caso do Movimento Brasil Livre (MBL). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7476>>. Acesso em: 27 de março de 2025.

MIRANDA, João Elter Borges. **A patrulha ideológica da burguesia**: a atuação do partido Movimento Brasil Livre na construção do golpe de 2016. 2021. 624 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/handle/tede/5731>> Acesso em: 21 de março de 2025.

ROCHA, Camila. **'Menos Marx, mais Mises'**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <[teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-19092019174426/publico/2018CamilaRochaVOrig.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-19092019174426/publico/2018CamilaRochaVOrig.pdf)>. Acesso em: 14 de abril de 2024.

TONETTO, Mauricio Bozzi. **Ciberativismo nas redes sociais**: um estudo do Movimento Brasil Livre no pós-impeachment de Dilma Rousseff. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7951>> Acesso em: 22 de março de 2025.

VIEIRA, Fábio Antunes. **Do MBL ao Bolsonaroismo**: O discurso antipetista por um Brasil menos livre. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Social) - Universidade Estadual de Montes Claros, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.unimontes.br/handle/1/1205>>. Acesso em: 4 de abril de 2025.

## Sites

ACADEMIA MBL. **Site Oficial**. Disponível em: <<https://academia.mbl.org.br/>>. Acesso em: 13 março 2025.

BBC, Brasil. **Caso Monark: por que Alemanha e outros países proíbem o nazismo?** 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60315884>>. Acesso em: 16 de abril de 2025.

BRASIL DE FATO. **Lei 'anti-Oruam' e a criminalização do funk. 2025**. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2025/02/28/lei-anti-oruam-e-a-criminalizacao-do-funk/>>. Acesso em: 18 de abril de 2025.

**BRASIL DE FATO. MBL vê novatos e ex-integrantes fracassarem nas urnas e elege apenas dois candidatos. 2022.** Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/10/04/mbl-ve-novatos-e-ex-integrantes-fracassarem-nas-urnas-e-elege-apenas-dois-candidatos/>>. Acesso em: 16 de abril de 2025.

**CNN, Brasil. Conselho de Ética rejeita pedido de Gabriel Monteiro para arquivar denúncias. 2022.** Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/conselho-de-etica-rejeita-pedido-de-gabriel-monteiro-para-arquivar-denuncias/>>. Acesso em: 18 de abril de 2025.

**CNN, Brasil. MBL informa que conseguiu assinaturas suficientes para criação de partido próprio. 2024.** Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/mbl-informa-que-conseguiu-assinaturas-suficientes-para-criacao-de-partido-proprio/>>. Acesso em: 18 de abril de 2025.

**CNN, Brasil. Multa de R\$ 17,6 mil: projeto que torna doação de comida a moradores de rua mais rigorosa avança em São Paulo. 2024.** Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/multa-de-r-176-mil-projeto-que-torna-doacao-de-comida-a-moradores-de-rua-mais-rigorosa-avanca-em-sao-paulo/#:~:text=A%20C%C3%9A>>. Acesso em: 18 de abril de 2025.

**EL PAÍS. A segunda metamorfose do MBL para seguir influente no Brasil de Bolsonaro. 2018.** Disponível em: <<https://www.fundacaoastrojildo.org.br/el-pais-a-segunda-metamorfose-do-mbl-para-seguir-influente-no-brasil-de-bolsonaro/>>. Acesso em: 18 de abril de 2025.

**EL PAÍS. Arthur do Val: “O centro de São Paulo não é lugar para dar comida ao morador de rua”. 2020.** Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-31/arthur-do-val-o-centro-de-sao-paulo-nao-e-lugar-para-dar-comida-ao-morador-de-rua.html>>. Acesso em: 18 de abril de 2025.

**EXAME. Exposição Queermuseu abre no Rio com protestos do MBL e da Liga Cristã. 2018.** Disponível em: <<https://exame.com/brasil/exposicao-queermuseu-abre-no-rio-com-protestos-do-mbl-e-da-liga-a-crista/>>. Acesso em: 18 de abril de 2025.

**FORUM. Casseta & Planeta, Danilo Gentili, CQC e a demonização da política. 2023.** Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/opinioao/2023/10/3/casseta-planeta-danilo-gentili-cqc-de-monizacao-da-politica-145160.html>>. Acesso em: 28 de abril de 2025.

**G1. Alesp aprova cassação de Arthur do Val, que perde os direitos políticos por oito anos.** 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/17/alesp-aprova-cassacao-do-ex-deputado-arthur-do-val-que-perde-os-direitos-politicos-por-oito-anos.ghtml>>. Acesso em: 16 de abril de 2025.

**GAZETA DO POVO. MBL tenta resgatar influência após polêmicas e ruptura com bolsonarismo.** 2023. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/mbl-se-reorganiza-e-tenta-resgatar-influencia-apos-polemicas-e-ruptura-com-bolsonaro/>>. Acesso em: 16 de abril de 2025.

**LE MONDE. Conservadores da Alemanha vencem votação, mas AfD de extrema-direita obtém ganhos recordes.** 2025. Disponível em: <[https://www.lemonde.fr/en/europe/article/2025/02/23/germany-s-conservatives-led-by-merz-win-election-far-right-afd-follows-in-second\\_6738475\\_143.html](https://www.lemonde.fr/en/europe/article/2025/02/23/germany-s-conservatives-led-by-merz-win-election-far-right-afd-follows-in-second_6738475_143.html)>. Acesso em: 28 de abril de 2025.

**MOVIMENTO BRASIL LIVRE. Site Oficial.** Disponível em: <<https://mbl.org.br/valores-principios>>. Acesso em: 13 março 2025.

**O GLOBO. Abertura do 'Queermuseu', no Parque Lage, é marcada por protestos.** 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/abertura-do-queermuseu-no-parque-lage-marcada-por-protestos-22991149>. Acesso em: 18 de abril de 2025.

**OUTRAS PALAVRAS. A resistível ascensão do "novo" MBL.** 2017. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/videos/a-resistivel-ascensao-do-novo-mbl/>>. Acesso em: 10 de abril de 2025.

**PRAGMATISMO. Integrantes do MBL ocupam cargos públicos pelo Brasil.** 2017. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/07/integrantes-do-mbl-ocupam-cargos-publicos-pelo-brasil.html>>. Acesso em: 10 de abril de 2025.

**VEJA. MBL faz seu primeiro congresso nacional.** 2015. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/mbl-faz-seu-primeiro-congresso-nacional-nos-dias-28-e-29-veja-como-participar/>>. Acesso em: 16 de abril de 2025

## Redes Sociais

**FACEBOOK. MBL** – <https://www.facebook.com/mblivre>

INSTAGRAM – **Fernando Holiday** - <https://www.instagram.com/fernandoholiday/?hl=pt-br>

INSTAGRAM. **Amanda Vettorazzo** - <https://www.instagram.com/amanda.vettorazzo/?hl=pt>

INSTAGRAM. **Guto Zacarias** – <https://www.instagram.com/gutozacariasmb/>

INSTAGRAM. **Jair Bolsonaro** – <https://www.instagram.com/jairmessiasbolsonaro/?hl=pt-br>

INSTAGRAM. **Kim Kataguiri** – <https://www.instagram.com/kimkataguiri/?hl=pt-br>

INSTAGRAM. **Lucas Pavanato** – <https://www.instagram.com/lucaspavanato/>

INSTAGRAM. **MBL** – <https://www.instagram.com/mblivre/>

INSTAGRAM. **Nicolas Ferreira** – <https://www.instagram.com/nikolasferreiradm/?hl=pt-br>

TWITTER. **Jair Bolsonaro** – <https://x.com/jairbolsonaro>

TWITTER. **Kim Kataguiri** – <https://x.com/KimKataguiri>

TWITTER. **Lucas Pavanato** – <https://x.com/lucaspavanato>

TWITTER. **MBL** – <https://x.com/mblivre>

TWITTER. **Nícolas Ferreira** – [https://x.com/nikolas\\_dm](https://x.com/nikolas_dm)

YOUTUBE. **Gabriel Monteiro** – <https://www.youtube.com/@GabrielMonteiroBR/videos>

YOUTUBE. **Guto Zacarias** – <https://www.youtube.com/channel/UCGuo301AFaEKLs8bd>

YOUTUBE. **Mamãe Falei** -<https://www.youtube.com/channel/UCkSjy-IOEq-eMtarZl2uH1Q>

YOUTUBE. **MBL** - <https://www.youtube.com/mblivre>